

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

ATA Nº 009

PRESIDENTE - DEPUTADO SILVAL BARBOSA

O SR. PRESIDENTE (SILVAL BARBOSA) - Senhores e senhoras, boa-tarde!

Em nome desta Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso, declaro aberta esta Audiência Pública, solicitada e requerida pelo eminente Deputado Humberto Bosaipo, com a finalidade de discutir a situação da agropecuária em nosso Estado.

Aqui certamente teremos vários assuntos de interesse desse segmento, principalmente que está aqui. E esta Casa, solicitando esta Audiência Pública, através do Deputado, coloca-se à disposição no que for preciso dentro da legislação para estar ajudando o segmento.

Convido para compor a Mesa o autor do Requerimento, que solicita esta Audiência Pública, Deputado Humberto Bosaipo; o 2º Secretário, Deputado Mauro Savi; o 1º Vice-Presidente, Deputado Zeca D'Ávila; o Deputado J. Barreto; o ex-Governador do Estado de Mato Grosso, Rogério Salles, que, hoje, é Presidente da APROSOJA; o Sr. Luís Carlos Meister, Secretário-Adjunto de Gestão Agropecuária da SEDER; o Prefeito Lairton, de Alto Taquari, que ora representa todos os Prefeitos; o Secretário de Estado de Desenvolvimento Rural, Otaviano Olavo Pivetta; o Presidente da EMPAER, Aréssio Paquer.

Quero comunicar que os conferencistas e os palestrantes, em função até do nosso espaço, nós não vamos convidar, mas que fique registrado como se aqui estivessem nesta Mesa.

Convido para fazer parte da Mesa o Sr. Homero Alves Pereira, Presidente da FAMATO; o Sr. Anísio Carossini, Superintendente Regional do Banco do Brasil, de Rondonópolis; o Sr. Jorge Pires de Miranda, Presidente da ACRIMAT; o Sr. Evandro Ricardo R. da Silveira, Presidente da APROSMAT; o Sr. Ângelo Maronezzi, Presidente da APA; o Sr. Sérgio de Marco, Vice-Presidente da APA.

Quero registrar ainda a presença do Sr. Hélio Goulart, Prefeito de Guiratinga; Sr. Rodolfo Prudente, Vice-Prefeito de Alto Garças; Sr. José Arnaldo Buscariol, Vice-Prefeito de Alto Taquari; Sr. Marcionílio de Souza, Vice-Prefeito de Pedra Preta; Sr. Cezalpino T. Júnior, Prefeito de Alto Garças; Sr. Sebastião Curado, Presidente da ASFAX - Associação dos Fazendeiros do Vale do Araguaia e Xingu; Sr. José Alfredo Pinto, Gerente Negocial da Superintendência do Banco do Brasil; Sr. José Nardes, Presidente do Sindicato Rural de Primavera do Leste; Sr. Jorge Mariano de Souza, Presidente do Sindicato Rural de Juara; Sr. Leonardo Galvão Neto, Presidente do Sindicato Rural de São José do Xingu; Sr. Inácio Carlos Batista, Presidente do Sindicato Rural de Colíder; Sr. Mohamed Zaher, Presidente da Câmara Municipal de Rondonópolis; Sr. Gilberto Flávio, suplente de Senador e Vice-Presidente do Sindicato Rural de Rondonópolis; Sr. Argino Bedim, Sindicato Rural de Sorriso; Sr. Luiz Neri Ribas, Secretário Executivo da APROSOJA; Sr. Itamar Locks, representando o Grupo Maggi; Sr. Gutemberg Silveira, produtor rural de Itiquira e Presidente da UNIPASTO; Sr. Edson Rozolim, Sindicato Rural de Juara; Sr. Omiro Teixeira Cavalheiros, veterinário de Colíder; Sr. Ângelo Carlos Maronezzi, Diretor Presidente da Associação dos Produtores de Arroz de Mato Grosso; Sr. Maurício Antônio da Silva, Pecuarista de Juara; Sr.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Andréa Santos, APROSMAT-Associação dos Produtores de Sementes de Mato Grosso; Sr. Ricardo Tomczk, Conselheiro da APROSOJA; Sr. Sadi Trevisan, Secretário Municipal de Agricultura de Sorriso; Sr. Yuri de Oliveira, Fiscal de Tributo da SEFAZ; Sr. Evandro Bragatto Nascimento, Fiscal de Tributo da SEFAZ; Sr. Nerci Wagner, Agente do Sindicato Rural de Confresa; Sr. Helmut Lawisch, Vice-Presidente da APROSOJA e suplente de Deputado Federal; Sr. Cleberson Luiz Wagner, Sindicato Rural de Confresa; Sr. Rui Braga, Vice-Presidente da FAMATO.

Ainda registro a presença do Sr. Mário Rodrigues, Presidente do Sindicato Rural de Diamantino; Sr. Valdir Correa da Silva, Diretor da FAMATO; e Sr. Ismael Conto, que é produtor.

Registrada a presença de todos e composta a Mesa, convido todos para, em pé, ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro.

(NESTE MOMENTO, É EXECUTADO O HINO NACIONAL BRASILEIRO - PALMAS.)

O SR. PRESIDENTE (SILVAL BARBOSA) - Convido o autor do Requerimento para fazer uso da tribuna.

Queremos registrar a todos os palestrantes e produtores que esta Audiência Pública está sendo transmitida, ao vivo, pela TV Assembléia, Canal 36.

Com a palavra, o nobre Deputado Humberto Bosaipo.

O SR. HUMBERTO BOSAIPO - Sr. Presidente, eu gostaria de cumprimentar, em seu nome, os demais Deputados, companheiros aqui presentes; todas as lideranças classistas aqui, em nome do ex-deputado, meu amigo particular, Homero Pereira, que nos honra com sua presença; todos os prefeitos e vice-prefeitos, os vereadores, na pessoa do nosso querido companheiro Lairto, de Alto Taquari, Prefeito Municipal; toda classe produtora, em especial, em nome do ex-Governador Rogério Salles; meu particular amigo, Otaviano Pivetta; senhoras e senhores:

A necessidade de a Assembléia Legislativa participar mais do debate da classe produtora do Estado tem nos preocupado muito. Agora mesmo, eu comuniquei à Mesa da Assembléia Legislativa que nós não podemos estar afastado da discussão desse setor. A Assembléia Legislativa está fazendo discussão setorializada, estamos trazendo aqui para a Casa essas discussões.

E o setor produtivo, ao meu ver, estava muito ausente das discussões de uma Casa onde se votam as leis estaduais, onde se trata da questão do transporte, que se trata de questões que implica na vida de cada um de vocês que são os responsáveis pelo desenvolvimento deste Estado.

Eu tenho uma relação aqui da arrecadação do FETHAB de 2004, venda de óleo diesel, de gado, de soja, algodão, madeira e quero dizer que vocês são os responsáveis praticamente pelo desenvolvimento deste Estado, e trazer essa discussão para o seio da Assembléia Legislativa. Nós temos aqui o companheiro Deputado Zeca D'Ávila que, ao assumir o mandato este ano, faz um trabalho importante no setor pecuário; e no setor produtivo, apesar do Deputado Mauro Savi ser um grande produtor, ele está muito empenhado com as questões do Governo, porque vem exercendo as funções de Vice-Líder e, agora, de Líder do Governo. E não é suficiente, ainda, para conhecermos mais de perto essas dificuldades. Nós temos que avaliar isso num contexto global, num contexto maior.

Portanto, Sr. Presidente, desse encontro nós pretendemos, juntos com a FAMATO, desenvolver outros encontros. E quero comunicar que estamos criando também o PARLACENTRO, que é o Parlamento da Região Centro-Oeste, que vai congrega os Deputados Estaduais de toda região Centro-Oeste, como já fizemos com o Parlamento Amazônico, que hoje é uma realidade.

Estive em Manaus há uns vinte dias atrás, o Parlamento Amazônico, nascido nesta Casa, está trabalhando com os Deputados Federais, com os Senadores, com todos os Deputados Estaduais, com o setor produtivo de todos os Estados que compõem o Parlamento Amazônico e que estão tendo resultado fantástico, inclusive na questão do Imposto de Renda diferenciado para a

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Amazônia. Da mesma forma, estamos propondo a criação e vamos criar o PARLACENTRO, que é o Parlamento da Região Centro-Oeste, e nos motivou à criação, meu caro Pivetta, a visita que fiz lá na Secretaria aquele dia e que vocês estavam indo para Rio Verde, onde saiu a Carta de Rio Verde que foi lida por nós aqui neste plenário.

Eu estou vendo ali o Deputado Helmut, e lembro-me de uma frase que ficou gravada na minha mente, dita por ele em alguns pronunciamentos, e estou vendo o jornal da FAMATO, que é a história da porteira para dentro e da porteira para fora. Então, eu acho que essa coisa tem que ser discutida aqui.

Eu agradeço, Sr. Presidente, por essa abertura e desejo que saíamos daqui com objetivos bem concretos. Muito obrigado. (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (SILVAL BARBOSA) - Queremos agradecer, ainda, a presença do Deputado Eliene e do Sr. Nininho, Prefeito Municipal de Itiquira.

Com a palavra, o Sr. Homero Pereira, Presidente da FAMATO.

O SR. HOMERO PEREIRA - Sr. Presidente; Srs. Deputados; produtores; amigos Prefeitos aqui presentes; amigos de entidades classistas aqui presentes; associações; ACRIMAT; APROSOJA; APA; AMPA; APROSMAT; ASFAX; companheiros Presidentes de Sindicatos Rurais; Sr. Secretário, eu não vou falar de Desenvolvimento Rural da Agricultura.

Para nós é uma honra poder, Deputado Humberto Bosaipo, estar aqui hoje.

Eu quero parabenizar a Assembléia Legislativa pela iniciativa de trazer esse assunto para discussão no seio da Assembléia Legislativa, que é quem faz as leis que regem o nosso Estado. E, realmente, na medida em que somamos esforços, conseguimos certamente os nossos objetivos com muito mais facilidade. E posso testemunhar isso porque fiquei esses dois últimos dias em Brasília, anteontem e ontem, praticamente numa luta para tentar dar concretude a um anúncio que o Ministro havia feito em Rio Verde, naquela reunião. Eu não sei porquê, mas os companheiros do Brasil todo estavam meio dispersos. E observamos o quanto é difícil você ter que batalhar uma coisa sozinho, nós e alguns técnicos da CNA, tentando materializar alguma ação concreta.

E até vou pedir para distribuir, Dr. Aréssio, se o senhor puder me ajudar a distribuir para os Deputados. Essa é uma ação concreta, publicada hoje pelo Banco Central, de uma Resolução que está sendo baixada para os bancos poderem estar operacionalizando uma reivindicação que nós vínhamos fazendo. Não é tudo o que pedimos, obviamente, têm outros desdobramentos, mas dando instrumentos para que os agentes financeiros possam, a partir de agora, estar efetivamente fazendo o procedimento, principalmente da questão da prorrogação dos investimentos.

Eu registro isso para dizer da importância da Assembléia Legislativa de estar somando conosco dentro desse processo, com todas essas entidades que têm lutado em defesa da nossa classe.

Vou fazer um breve relato para vocês. A idéia de fazer essa demonstração é a seguinte: pode parecer meio paradoxal, mas como que um setor como o setor do agronegócio de Mato Grosso pode, no mesmo ano, estar comemorando números astronômicos que assustam o mundo e, de repente, nesse mesmo ano, iniciar um movimento reivindicatório. Pode parecer até meio... Às pessoas que não são do ramo, muitas vezes, podem não entender direito como que isso acontece.

A coisa é simples. Nós, produtores rurais de qualquer produto, seja da agricultura, seja da pecuária, convivemos com fatores que independem da nossa capacidade, independe da nossa eficiência ou não, conforme disse aqui o Deputado Humberto Bosaipo, da porteira para dentro, porque têm fatores que interferem na nossa atividade e que não conseguimos dominar. Talvez o mais relevante deles, que nós não estamos sentindo tanto aqui em Mato Grosso, mas os nossos

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

irmãos do Sul do país estão, é a questão do clima. Esse é um fator que não conseguimos controlar. É por isso que em outros países os nossos concorrentes dão subsídios e nós aqui reclamamos dos subsídios que eles dão. E estamos certos de reclamar, afinal, acabamos tendo uma concorrência desleal. Nós acabamos lutando contra o tesouro daqueles países e não concorrendo contra os produtores daqueles países.

Na ótica deles, eles estão corretos. Primeiro, porque os tesouros estão cheios de dinheiro, e lá eles entendem a atividade rural como uma atividade de risco, uma atividade estratégica para seu país, inclusive, do ponto de vista de segurança alimentar.

Hoje comentávamos que existe um certo preconceito contra nós do setor rural. Existe um certo preconceito do tipo: se um produtor comprar uma caminhonete, isso é uma coisa meio pejorativa. É proibitivo um produtor comprar uma caminhonete. Falam: “ah, você está de caminhonete!” Como se caminhonete fosse um bem que pode ser utilizado só por alguém da cidade, que não pode ser usado por alguém do campo.

Então, existe um certo preconceito, embora, nós tenhamos convicção - e os números que eu vou apresentar para os senhores vão mostrar isso - do nosso papel na sociedade. Eu acho que de um tempo para cá já melhorou muito essa questão. Já melhorou muito! No passado, talvez, nós tivéssemos a pecha de caloteiro. Quando íamos falar qualquer coisa já falavam: “estão querendo dar o calote.” Não tem nada disso. Nós estamos querendo repactuar uma dívida, pagar os juros. Não estamos querendo transferir nada para a sociedade. É aquela coisa paradoxal que eu disse, porque em um Estado como Mato Grosso tudo o que nós ganhamos, cem por cento do que nós ganhamos é reinvestido na atividade. Cem por cento é reinvestido na atividade! Então, os produtores não têm gordura, não têm poupança. Ninguém especula no mercado financeiro. Poderia ganhar até muito mais dinheiro, quem sabe, especulando na Bolsa ou coisa parecida. Mas não, ele reinveste cem por cento na atividade.

E daí surge essa maravilha que é Mato Grosso. Mato Grosso visto isoladamente cresce mais do que a China, Deputado Humberto Bosaipo. Mais do que a China! Nós estamos crescendo em taxas de dez por cento ao ano. A China assusta ao mundo. Quer dizer, em Mato Grosso, individualmente, crescemos mais do que na China, porque nós reinvestimos cem por cento na atividade.

É por isso que quando acontece algum problema, mesmo que seja dentro do ano, é preciso que as pessoas entendam essas particularidades do setor, porque não vivemos de subsídio, nós vivemos da atividade em si. Você tem que ir ao socorro da atividade, porque, se houver algum tipo de turbulência no meio do caminho, num primeiro momento o produtor sente, obviamente; mas, depois, sente a sociedade como um todo. O próprio Governador Blairo Maggi, em uma palestra na FAMATO já disse que o Estado de Mato Grosso deixou de arrecadar no mês de janeiro, em comparação com o mês de dezembro, trinta milhões a menos por conta de um sinalizador que estava acontecendo dentro do agronegócio. Isso depois será sentido pelo pessoal da construção civil, da arrecadação dos municípios, certamente o FPM, tudo mais, o ICM, enfim, é uma cadeia. Quer dizer, eu acho que no futuro poderão ter até outras atividades, e elas têm potencial importante para isso, mas hoje a grande atividade, a mola que alavanca o nosso Estado e também o Brasil é o agronegócio.

O que no Brasil tem condições de sair mundo afora com a pasta e tentando abrir mercado que não seja o agronegócio? Que eu sei tem avião. A nossa EMBRAER, vez por outra, tromba lá com o Canadá, tentando vender avião. Eu não vejo outra atividade a não ser o turismo que nós temos aqui, principalmente no Rio de Janeiro... O futebol, o aço, quer dizer, são poucas as atividades com que temos condições de competir no mundo. Mas com o agronegócio, a cada ano,

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

nós competimos! Ganha novos mercados, consegue ir tirando concorrentes do negócio, e é por isso que ele é estratégico para o País e muito mais estratégico ainda para um Estado como Mato Grosso.

Feita essa introdução, eu quero passar rapidamente alguns números para vocês se situarem sobre essa nossa atividade.

Eu vou dizendo aqui e a hora que recuperar o aparelho, nós retomamos.

O cenário da nossa Agropecuária é o seguinte: este ano, no mundo inteiro, não só em Mato Grosso, está contextualizado em nível de mundo, no mundo inteiro, principalmente os principais produtos que nós produzimos aqui, produziu-se muito. Certo? Muita produção de soja, muita produção de arroz, muita produção de algodão, muita produção de milho. O mundo está superabastecido. Logicamente que o arroz tem uma particularidade, porque é um produto muito mais de mercado interno dos seus Países: quem produz lá, consome lá; quem produz aqui, consome aqui. Mas nesse cenário de excesso de produção, obviamente - tem aquela lei que não conseguimos revogar aqui na Assembleia Legislativa que foi a lei da oferta e da procura -, quando você tem um excesso de oferta, os preços tendem a se arrefecer.

Pode passar a página.

Esses são os nossos números do agronegócio, em 2004, que vocês já estão cansados de ver na televisão.

O agronegócio é responsável por praticamente trinta e quatro por cento do PIB do Brasil. Mais de quinhentos bilhões de reais são responsáveis por praticamente quarenta bilhões de dólares do volume de exportação. Isso dá praticamente quarenta ou quarenta e um por cento das exportações.

Geramos dezoito milhões de empregos, segundo dados do Ministério do Trabalho, de carteira assinada. Praticamente trinta e sete por cento da mão-de-obra empregada - dá a impressão de que tem pouca mão-de-obra empregada - no Brasil está empregada pelo agronegócio.

O saldo da balança comercial brasileira - também os senhores estão vendo a cada momento, mas é sempre bom lembramos -, olhem bem, é um saldo deficitário, ou seja, nós compramos mais do que vendemos. Extraído o agronegócio, se não fosse o agronegócio, não teríamos dinheiro para pagar, para fazer frente a nossa dívida externa. Então, por isso o agronegócio é o negócio do Brasil. O Brasil só consegue se inserir no mercado internacional em função do agronegócio. E aí, sim, a nossa balança comercial é superavitária em função do agronegócio.

Produção - isso, em nível de Brasil; em Mato Grosso não é diferente, é um pouquinho mais acentuado em Mato Grosso. Observem que praticamente em quinze anos a área plantada no Brasil se manteve praticamente estável. Crescemos dez milhões de hectares no Brasil em área plantada nos últimos quinze anos.

Em compensação a produtividade foi aumentada em mais de mil quilos por hectare. Saímos aqui, no início da década, de mil e quinhentos quilos e estamos acima de dois mil e quinhentos quilos no Brasil. Em Mato Grosso é acima de três mil quilos por hectare a nossa média de produtividade. Essa diferença aqui é tecnologia que foi empregada, pesquisa, investimento em pesquisa, em formação de mão-de-obra, em qualificação. Enfim, toda tecnologia que tem.

Em Mato Grosso é um pouco mais evoluído. Logicamente que a nossa área plantada, aumentamos mais. Somos uma fronteira agrícola, mas mesmo assim estamos plantando nessa safra de 2005 um pouco mais de 7,5 milhões de hectares, Deputado Zeca D'Ávila. Temos uma área agricultável em Mato Grosso entre 25 e 30 milhões de hectares. Estamos plantando nessa safra pouco mais de 7,5 milhões.

Se quisermos em Mato Grosso dobrar a nossa área plantada nos nossos próximos dois ou três anos... Não vamos fazer nunca isso, não temos nem capacidade para isso, mas digamos que o preço estivesse ótimo e quiséssemos dobrar a nossa área plantada em Mato Grosso, nos

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

próximos três ou quatro anos, nós não precisamos derrubar um único pé de árvore para fazer isso. Basta fazermos uma integração da agricultura e da pecuária. A pecuária cresce em Mato Grosso e a agricultura também cresce. Crescemos na agropecuária um milhão de cabeças de gado. Em compensação crescemos no ano retrasado um milhão de hectares de área para agricultura. Então, veja bem a potencialidade que temos. Crescemos na agricultura e crescemos também na pecuária. Aumentamos a produtividade. Essa coisa astronômica aqui.

Quer dizer, a cada ano, estamos aumentando. Já passamos de três mil quilos por hectares e ultrapassamos as vinte milhões de toneladas que devemos colher em torno de vinte e dois milhões de toneladas de grãos nessa safra.

A taxa de crescimento da agricultura em Mato Grosso ano a ano. Vocês viram: 10%, 5%, 18%, 13%, 22%. Ela é meio cheia de altos e baixos em função de anos. No ano de 2003, cresceu um milhão de hectares; este ano passado, 400 mil, mas ela é crescente a cada ano, é uma linha crescente.

Nos últimos cinco anos, veja bem, incorporamos mais de três milhões de hectares. Só no Estado de Mato Grosso, comparado com a Região Centro-Oeste, significa que crescemos em Mato Grosso praticamente 61% do que foi incorporado de novas áreas ao processo produtivo.

As causas desse crescimento: tecnologia, que eu disse para vocês que é pesquisa, investimento em tecnologia, máquinas, equipamentos, uma série de questões; a securitização das dívidas. Todos vocês sabem que por conta daqueles planos econômicos que tivemos no passado, gerou um endividamento monstruoso no Brasil, mais de 25 bilhões de reais. Só Mato Grosso, quase 3 bilhões de reais. E a securitização pesa, quer dizer o alongamento dessas dívidas para 25 anos possibilitou esse nosso crescimento sustentável.

O MODERFROTA, que foi um programa interessante, veio recuperar a frota de máquinas e equipamentos que nós tínhamos.

Os preços de *commodities*, obviamente que os preços foram um fator alavancador disso tudo. Se não tivesse o preço bom não teria tanto crescimento.

Juros pré-fixados no crédito rural. Vocês lembram que a agricultura pagava aquelas malfadadas TJLT, OTN, BPN, TR, aquilo ali eram indexadores totalmente incompatíveis com a nossa atividade. No momento que tivemos juros pré-fixados possibilitou que a agricultura crescesse de uma forma sustentável, e foi o que aconteceu agora.

E um grande diferencial que nós temos é o fator de produção, é o perfil de produtor que nós temos. O produtor de Mato Grosso é um produtor empreendedor, é um produtor jovem... Quando recebemos aqui essas missões internacionais de outros países, vemos que a juventude dos nossos concorrentes não está ficando mais na agricultura, eles estão indo para a cidade. Certamente que esse negócio de agricultura não deve ser uma coisa assim tão atrativa para os jovens americanos e europeus, porque quem está ficando na atividade rural nos outros países são os avós, os pais. E, aqui, não! Nós temos uma juventude, gente que está se qualificando, o filho de muitos produtores que estão aqui estão se formando em nível superior, médico veterinário, engenheiro agrônomo, economista, etc, e voltando para dentro das propriedades.

Eu imagino, Deputado Eliene - Vossa Excelência que é um educador - que mais uma geração talvez os produtores rurais em Mato Grosso, quase todos eles sejam já produtores rurais com nível superior.

Então, as entidades classistas, nós vamos nos relacionar com o setor rural em um outro patamar, de uma outra forma. É por isso que amanhã, inclusive, nós vamos travar uma grande discussão com os frigoríficos, um grande evento que nós vamos fazer lá na ACRIMAT - onde o Jorginho vai ser o nosso anfitrião - exatamente para nós discutirmos com os pecuaristas a necessidade e a importância dos pecuaristas estarem também se qualificando da porteira para fora.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

E, nos frigoríficos, que no passado, os caras eram açougueiros e depois viraram matadores de fundo de quintal, hoje, também se modernizaram, estão crescendo e assim por diante.

Então, nós também precisamos estar estruturados a respeito disso... Deu mais uma panezinha ali.

Esse cenário que estou mostrando para vocês é o seguinte: a coisa vinha muito bem, o ano passado foi o céu. No ano passado atingimos o auge na questão dos preços. Soja, por exemplo, conseguimos vender soja aqui em Mato Grosso acima de quinze dólares. Só os negos mais ricos que nem o Trentini, lá de Alto Garças, que bateu dezesseis dólares e não quis vender, estava muito folgado. Mas foi muito bom o que aconteceu com os preços das *commodities* no ano passado. E aí todo mundo plantou, o mundo inteiro plantou uma *commodity* como essa e, automaticamente, o preço ali cresceu.

E, paralelamente a isso, o que aconteceu? Não sei por que cargas d'água, não sei se foi só analisando planilha de custo ou não, mas os preços dos insumos subiram proporcional ao preço do produto. Nós sempre achávamos que o preço do insumo subia de acordo com a planilha de custo que a pessoa tinha. Vai subir a plantadeira porque subiu o aço, vai subir o fertilizante porque subiu o fosfato lá em Minas Gerais, lá na Fosfértil e assim por diante, os princípios ativos. Mas não, não sei se foi coincidência, o que foi, o preço das *commodities* subiu, subiu também o preço dos insumos e subiu de uma forma astronômica. Este ano que o preço das *commodities* caiu, o preço do insumo não caiu. Então, nós iniciamos o plantio desta safra com o custo de produção em alta, porque ninguém baixou o custo de produção, e o preço dos nossos produtos em baixa.

Então, fizemos uma reunião lá na FAMATO, chamamos o Diretor do Banco do Brasil, que esteve presente, o BNDES, o Ministério da Agricultura, o Governador do Estado, que esteve presente, o Senador Jonas Pinheiro, o Deputado Zeca D'Ávila, e desde o dia 11 de novembro vínhamos alertando, falando: olha, esse filme nós já vimos no passado. Esse descasamento de preço, na época, era por conta dos indexadores. A continuar dessa forma, quando chegar a hora de pagar a conta, certamente, vamos ter problema. Não deu outra.

Isso foi em 11 de novembro. Aí fizemos outra reunião. Em janeiro estive no Ministério da Agricultura várias vezes alertando sobre essa questão, de que o custo estava muito alto. Em fevereiro, fizemos outra discussão na FAMATO, foi quando lançamos o pacto pela produção e pela renda, e que culminou, no último dia 04 de fevereiro, lá em Rio Verde, naquela reunião histórica em que muitos, a maioria dos produtores que aqui estão, estiveram lá presentes, que foram em torno de dez mil produtores. Em Mato Grosso fomos em quinhentos produtores, principalmente os companheiros da região do Vale do Araguaia, que nos apoiaram em função da proximidade com Rio Verde, e o cenário consolidou-se agora na colheita.

Anteontem venceram as primeiras prestações que tínhamos que pagar, Deputado Silval Barbosa, dos investimentos, daquelas máquinas, equipamentos. Venceram e ninguém agüentou pagar! Por isso que eu fiquei de plantão em Brasília, esses dois dias, buscando dar sequência ao anúncio que o Ministro havia feito lá. Aí surgiu essa resolução para tentar dar uma amenizada na questão e continuarmos nossa vida para frente. Nesse ínterim, fizemos várias articulações, fizemos essas reivindicações, a Carta de Mato Grosso, esse pacto pela produção.

Felizmente para nós, infelizmente para os nossos irmãos do Sul do país, está dando uma seca lá, e isso tem feito com que nós estejamos recuperando o preço aqui. O Brasil já está consolidando seus números e deve ter uma perda de, praticamente, quinze milhões de toneladas a menos do que estava previsto para colher inicialmente. Os números ainda estão sendo ajustados pela CONAB, e isso aí é de arroz, é de soja, é de milho, é de todos os produtos em função dessa grande seca. Então, está dando uma pequena recuperada aqui.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Nós havíamos feito algumas reivindicações para prorrogação de custeio e de investimentos. Em função dessa recuperada nos preços, estamos achando que aqui em Mato Grosso vamos conseguir pagar o custeio da nossa safra. Apertadamente, mas vamos pagar. Para certas pessoas vai ser complicado pagar o custeio porque, inclusive, tem pessoas que arrendou terra, e etc, e vão ter dificuldade para pagar. Porém, os investimentos nós não vamos conseguir pagar. É por isso que precisamos de uma prorrogação das parcelas de investimentos, com juros que pactuamos, com juros pagos, totalmente pagos por nós, coisa entre negociante, entre o mercado, entre o agente financeiro, entre o banco e o produtor. Não estamos querendo nenhum tipo de benesse, estamos querendo negociar, porque o próprio Banco do Brasil, que está aqui, certamente vai poder usar a palavra, já identificou que nesses anos de juros fixos, de preço bom, os produtores não tiveram inadimplência. O produtor não teve inadimplência nenhuma. A inadimplência praticamente foi zero, quer dizer, é uma demonstração de que o produtor é um bom pagador. Ele só não consegue pagar... Ele não consegue fazer milagre, e como é que ele vai conseguir pagar.

Então, para concluir... Pode passar, esse é aquele quadro que eu falei que os mercados estão totalmente abastecidos no mundo todo. Pode passar.

Custo de produção, que eu já falei: Nosso custo de produção já ultrapassou os quinhentos dólares, porque tivemos outros fatores, no Sul eles tiveram a seca, e nós tivemos aqui, no caso da soja, a questão da ferrugem asiática que cresceu muito o nosso custo de produção. Vejam bem, a cada ano o nosso custo de produção é crescente e este ano ele passa os quinhentos dólares.

Relação de troca: eu só vou dar um exemplo aqui para ser rápido. Fertilizantes: essa linha vermelha é de fertilizantes. Na safra passada, comprávamos uma tonelada de fertilizante com dezessete sacas de soja, nesta safra agora estamos precisando de trinta sacas. Olha a relação de troca, o tanto que subiu o fertilizante comparado com a soja.

Então, é uma coisa astronômica, você não consegue fazer frente a essa elevação astronômica do custo de produção.

O cenário é esse todo que eu já falei, de preço baixo, custo de produção em alta, taxa de câmbio. Quer dizer, o Governo, para poder segurar a inflação, ele está segurando a inflação em cima de duas âncoras. Uma delas é a elevação da taxa de juros, que ontem subiu de novo mais meio ponto percentual. O COOPOM reuniu ontem e foi pra 19,5% e a outra... A taxa de juro alimenta o câmbio, quer dizer, vem aquele capital especulativo para cá, que fica aqui dois ou três dias ganhando esse jurão que está aqui, aí a taxa de câmbio também fica sendo achatada e nós perdemos o poder de barganha.

E a nossa infra-estrutura, que todos vocês sabem, todos que estão aqui vieram de carro, sabem a situação das estradas, sabem como estão os portos, as ferrovias. Essa é uma questão crônica no Brasil. Ainda ontem passava no *Jornal Nacional* essa questão do que está se perdendo nas nossas rodovias.

Então, a equação da crise é: custo e alta, mais ofertas, que trazem os preços para baixo, os investimentos que alavancou o produtor que está endividado, mais a questão da ferrugem asiática que derruba a nossa produção para baixo. Quer dizer, essa equaçãozinha é igual perda de renda. Perda de renda mais o sucateamento da nossa infra-estrutura é que gera essa crise. Essa é a equação da crise, é uma composição de fatores, e não é uma única coisa, Deputado Humberto Bosaipo, é uma composição de fatores, custo e produção em alta, preço em baixa, endividamento em alta, produção em baixa por conta da ferrugem, perda de renda, aí você tira da porteira da fazenda e vai transportar, perde aqui. Essa é a equação da crise.

As ações realizadas, eu já falei para vocês sobre tudo que fizemos, inclusive está aqui o Rogério, que é o Presidente. Logicamente que a APROSOJA não nasceu em função dessa crise, nasceu por conta de uma necessidade, certo? Mas no dia 04 de fevereiro fundamos a

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

APROSOJA, está aí a Associação já revitalizada para nos ajudar a tratar dos assuntos específicos da questão da soja, o pessoal está imbuído nos melhores propósitos aí, com certeza vai ter muitos trabalhos para a APROSOJA poder nos ajudar.

Fizemos a Carta de Mato Grosso com uma série de reivindicações, que era a aprovação do plantio da comercialização da soja geneticamente modificada. Felizmente, isso aqui o Congresso já nos deu, a Lei foi aprovada, a Lei de Biosegurança e, para o ano que vem, nós vamos poder plantar, agora já dentro da Lei, a soja geneticamente modificada. O algodão ainda não... Eu acho que foi um passo importante que o Congresso Nacional deu porque estamos todos plantando fora da Lei. E vocês vão ver que não é nenhum absurdo. Agora é a pesquisa que entra em campo. Vocês vão ver que o ano que vem essa questão do produto geneticamente modificado, a soja transgênica, vai se consolidar daqui a uns quatro ou cinco anos, porque as variedades que estamos plantando aqui no Mato Grosso é a variedade do Rio Grande do Sul, aquelas variedades Maradona, que eles trouxeram lá da Argentina para o Rio Grande do Sul e nós acabamos trazendo para cá. Nós temos que ter as nossas variedades, de clima tropical, e tenho certeza de que a Fundação Mato Grosso, a Fundação Centro-Oeste, a EMBRAPA vai nos dar isso.

A Lei Blairo Maggi é um projeto de lei que está no Congresso Nacional e que nós estamos pedindo para os Deputados, e que libera a importação. O Blairo Maggi quando foi Senador, naquele período em que ficou na suplência do Senador Jonas Pinheiro, deixou essa lei permitindo importar produtos do Mercosul. Para vocês terem uma idéia do quanto isso é importante, ele tem o mesmo princípio ativo, muitas vezes até a mesma marca comercial da que é vendida na Argentina, no Paraguai, na Bolívia, que custa 30 a 40% do valor que estamos pagando aqui. Sabem o que está acontecendo? Muitos produtores, infelizmente, estão indo para a clandestinidade, fazendo contrabando. Quer dizer, quando uma Lei é burra, ela não é discutida com a sociedade, acontece isso aí. Essa Lei de proibição de importar agroquímico está sendo ineficaz e está levando muitos produtores para a clandestinidade.

A questão da recuperação das rodovias, que eu já falei para vocês; recurso para comercialização, o Ministro anunciou e espero que venha rapidamente, tomara que o Banco do Brasil já esteja cheio desse recurso lá. Ela só foi anunciada, porque, na prática, chegou muito pouco. Essa questão da prorrogação caso a caso que está chegando aí e a abertura do canal de negociação.

Vamos para os finalmente agora.

O que está faltando a ser feito? A questão da infra-estrutura, que é uma questão que está em aberto, a renegociação das parcelas do PESA e da securitização, que também não foram contempladas nesse documento que eu passei para vocês. É uma luta em que nós temos que continuar trabalhando.

O que justifica o apoio para o nosso setor? Vejam bem, nos últimos quatro anos aqui em Mato Grosso, nós investimos seis bilhões de reais. Seis bilhões de reais foram investidos em Mato Grosso, nos últimos quatro anos. Foi isso que possibilitou incorporarmos esse volume grande de área ao processo produtivo. Vou dar um exemplo para vocês do que impacta esse volume. Está aí a demanda de insumos para aplicação. Nos últimos quatro anos nós crescemos três milhões de hectares. Olhem o que isso impacta. Nós compramos aqui em Mato Grosso quatro mil colheitadeiras; compramos mais de nove mil tratores e estão todos distribuídos nas fazendas; utilizamos mais três mil e oitocentos caminhões - logicamente que isso não foi tudo comprado, mas nós demandamos essa quantidade de caminhão para transportar nossa safra -; compramos mais de três mil plantadeiras grandes, trezentos e dez milhões de litros de óleo diesel, mais de um milhão e meio de toneladas de fertilizantes, centenas de silos; secadores foram construídos; e geramos em Mato Grosso cento e oitenta e seis mil empregos nos últimos quatro anos.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Quer dizer esse setor é um setor estratégico para o Estado de Mato Grosso. Desmistifica.

E olhem outros indicadores - passa a próxima -, como os vinte municípios de Mato Grosso que tem o maior Índice de Desenvolvimento Humano. Certo? Olhem esses municípios e vejam o perfil deles aqui. Campo de Júlio é o campeão em IDH em Mato Grosso. Está aqui a classificação. Sorriso, Cuiabá... Com exceção de Cuiabá, que é a nossa Capital; Barra do Garças, que tem um perfil de pecuária; Várzea Grande; e Pontal do Araguaia, o resto, praticamente, todos esses municípios aqui têm um perfil de município de agricultura empresarial. Quer dizer, essa atividade é uma atividade estratégica do ponto de vista social.

Outro indicador - por favor, é a última tela. Olhem outros indicadores, comparando Mato Grosso com Brasil, para vocês verem o impacto que isso deu nos últimos anos.

Vendas no comércio: enquanto o Brasil cresceu nove e meio por cento, Mato Grosso cresceu vinte e quatro por cento.

Crescimento de emprego: de janeiro a setembro do ano passado, enquanto o Brasil cresceu sete e meio por cento, Mato Grosso cresceu quatorze por cento.

Arrecadação de ICMS que vai para os nossos municípios, para o Governo poder aplicar: enquanto o Brasil cresceu, de 2002 a 2003, treze por cento, Mato Grosso cresceu trinta e três por cento; e, de janeiro a julho de 2004, enquanto o Brasil cresceu doze e meio por cento, Mato Grosso cresceu trinta e oito por cento.

Crescimento da renda *per capita*: enquanto o Brasil teve um crescimento na última década da renda *per capita* de trinta por cento, Mato Grosso cresceu praticamente setenta por cento.

Diminuição da pobreza: enquanto o Brasil diminuiu a pobreza em vinte por cento, Mato Grosso diminuiu em quase quarenta por cento, em trinta e oito por cento.

E o crescimento do PIB: enquanto o Brasil cresce a cinco por cento, Mato Grosso cresce a dez por cento.

/Então, só esses indicadores já demonstram a importância desta audiência pública; já demonstram a importância da Assembleia Legislativa estar inserida dentro desse contexto; e já demonstram que nós não estamos aqui reivindicando nada para o setor, para nós. É aquilo que eu falei no início da minha apresentação. Nós estamos reivindicando aqui a solução do problema de Mato Grosso. Porque um problema no agronegócio em Mato Grosso será um problema que contaminará outros setores da economia, não só na questão econômica, mas, principalmente, nas questões sociais, o que não queremos para ninguém.

Então, eu gostaria de agradecer a oportunidade de estar aqui fazendo esta apresentação a todos. Esta apresentação ficará aqui, na Assembleia Legislativa, para esta a disponibilizar. Com certeza, com o apoio da Assembleia Legislativa, muitas questões vamos conseguir superar com mais facilidade.

Muito obrigado, Deputado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (SILVAL BARBOSA) - Nós agradecemos a exposição do Dr. Homero Pereira.

Desde já eu gostaria de agradecer o material que deixa à disposição da Casa.

Não vamos recompor a Mesa agora, porque o Dr. Rogério Salles, que é o Presidente da APROSOJA, fará uso da palavra e também usará o *data-show*.

Com a palavra, o Sr. Rogério Salles.

Em seguida, convido o Deputado Humberto Bosaipo para assumir a Presidência.

O SR. ROGÉRIO SALLES - Deputado Silval Barbosa, Presidente da Assembleia Legislativa; Deputado Humberto Bosaipo, que convocou esta audiência pública, e em nome do qual cumprimento todos os Deputados da Assembleia Legislativa; Deputado Eliene; Deputado Zeca

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

D'Ávila; Deputado J. Barreto; demais Deputados; Prefeitos; companheiros produtores; senhoras e senhores.

Eu só queria aqui parabenizar a iniciativa da Assembléia Legislativa de estar fazendo esta audiência pública.

Eu acho que todo mundo sabe da importância do agronegócio para o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso.

Eu acho e concordo, Deputado Humberto Bosaipo, que nós produtores falhamos quando, às vezes, ficamos um pouco distantes desse debate. Eu sei que é obrigação, que é dever do Parlamento estar puxando essas discussões, mas é nossa obrigação, porque essa é a nossa vida, esse é o nosso negócio. A razão de estarmos aqui no Estado de Mato Grosso, de vivermos aqui é a questão do agronegócio.

Eu acho que é obrigação nossa fazermos esse contato e estarmos presentes não só na Assembléia Legislativa, mas em toda sociedade, levando as notícias, divulgando a questão do agronegócio, a questão daquilo que é a nossa principal atividade econômica. É até por isso que resolvemos criar a associação. O momento em que a estamos criando é um momento de crise, mas nós entendemos que a associação não pode servir só para resolver e apagar esse fogo, essa crise em que nós vivemos. Nós entendemos que tem que ter uma visão de longo, senão não teria nem necessidade de estarmos criando.

A FAMATO trata de negócios, todos ligados ao agronegócio. É a nossa entidade, diria assim, guarda-chuva, mas por tratar de tantos problemas, de tanta diversidade, acaba, às vezes, não podendo dar uma atenção especial que um setor ou outro especificamente passa.

E a nossa idéia, quando criamos a associação, foi a trabalhar em perfeita sintonia com a FAMATO, sem competição, mas procurando fortalecer, inclusive, com recursos para que a nossa entidade consiga assessorar os Parlamentares, as autoridades, na hora de definir políticas públicas para o nosso setor.

Nós discutimos com o Governo do Estado, inclusive, uma forma de arrecadação. Nós estivemos em quinze municípios do Estado de Mato Grosso, nas cidades pólos, apresentando a idéia de criar a associação e, em todas elas, foi aprovada à unanimidade, e foi acertada, inclusive, uma contribuição dos produtores. Nós sabemos que é fácil falar em contribuição de produtor, numa assembléia todo mundo levanta a mão, pois tem dificuldade de como arrecadar isso. E nós estamos discutindo com o Governo para criar uma alternativa e, provavelmente, nós vamos estar discutindo com os Parlamentares também como podem nos ajudar.

Eu só não vou reapresentar aqueles dados que o Homero Pereira já apresentou, com bastante propriedade, até porque já faz algum tempo que o Homero Pereira vive essa realidade no dia a dia e desde novembro essa palestra vem sendo discutida e apresentada no Estado inteiro, mas eu queria fazer alguns esclarecimentos pontuais.

Primeiro, quando falamos aqui de preço, está se falando muito da média e Mato Grosso é duas vezes e meia a França. A média não reflete, necessariamente, a situação em cada região. Alto Taquari é uma situação, tem um custo de produção, tem uma produtividade, tem um preço de venda; Rondonópolis tem outra, Sinop e Sorriso têm outra, Sapezal e outras regiões têm outras. E aí, em cada lugar, a situação é um pouco diferente. Então, depois eu vou usar uma planilha para mostrar diversos quadros, diversas situações que, na minha opinião, podem dar um pouco mais a idéia de que não adianta só tratarmos a questão como a média.

Eu acho que aquilo que foi anunciado... O Homero Pereira ontem estava sozinho em Brasília. É uma demonstração de como somos desorganizados. Eu estava tratando de alguns negócios em São Paulo e não pude estar junto. Eu acho que nós temos que nos organizar e isso demonstra, mais uma vez, essa necessidade.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

O que o Ministro anunciou lá em Rio Verde ajudava um pouco a resolver os nossos problemas. O que foi resolvido ficou bem aquém daquilo que o Ministro anunciou e fica bem aquém daquilo que precisa ser feito para diminuir um pouco a crise.

Quero também demonstrar o que aconteceu. Nós, em janeiro e fevereiro, estávamos trabalhando com R\$20 a saca de soja, hoje deu uma recuperada nos preços. Resolveu a situação? Com certeza. Passar de R\$20 para R\$30 a saca de soja resolve boa parte do nosso problema, mas volta àquela situação que estávamos em novembro, quando trabalhávamos com a soja em R\$33 a saca aqui no Estado de Mato Grosso, trabalhávamos com produtividade de 55, 60 sacos por hectare, o que, em boa parte do Estado, não está se concretizando hoje.

Outra questão que eu queria colocar aqui: eu sou produtor de soja, planto um pouco de milho para criar suínos, plantamos algodão, minha família é produtora de algodão também, sem demérito para atividade nenhuma.

Nós estamos muitas vezes, até porque a soja é o produto de maior volume de produção, muito focados em cima do negócio do problema da soja que acontece no Estado de Mato Grosso. Nós não falamos muito, não damos muito destaque à pecuária que viveu uma situação difícil há pouquinho. Já faz dez, quinze anos que a pecuária vem encarando essas dificuldades de liquidez e até por isso, hoje, a pecuária não é muito uma opção.

Poderíamos deixar de plantar soja na região de Rondonópolis. Por exemplo, as áreas de pecuárias estão sumindo e as áreas com vocação mais para a pecuária estão sendo invadidas pela soja por causa da relação da rentabilidade da cultura da soja, que até no ano passado em nossa região era muito melhor. E a pecuária, não sou pecuarista, mas os relatos que eu vejo é que na média os produtores estão se descapitalizando ano a ano e não está sendo uma opção para o produtor rural.

Ao algodão não se dá esse destaque porque talvez a produção seja grandiosa, mas também o número de produtores é menor. Uma produção talvez muito mais profissional. Exige muito mais profissionalismo. Então, a produção está um pouco mais concentrada.

O milho poderia ser uma opção. Deixamos de plantar soja e plantar milho. Mas plantar milho para vender a dez reais a saca? Não cobre... Nós precisaríamos colher - não tenho essa conta -, mas quando tomamos a posição em nossa família resolvemos praticamente a não plantar milho, apesar de consumirmos 70, 80 mil sacas de milho por ano, porque na minha conta para cada saco de milho que eu produzisse eu tinha que - além do custo de produção - colocar mais cinco reais por deixar de plantar soja, que, na época, era uma cultura mais viável. E com certeza precisava produzir duzentos e poucos sacos de milho por hectare para cobrir meus custos de produção e ter uma rentabilidade que me permitisse remunerar o capital que eu aplicaria.

Então, o produtor de Mato Grosso não planta soja só porque ele só sabe plantar soja. Ele planta soja porque na realidade, hoje, - eu não estou falando de arroz - tem pessoas aqui que conhecem o dia-a-dia do arroz. Nossa região o clima praticamente inviabiliza a produção de arroz. Então, não deixamos de plantar soja, porque somos apaixonados pela soja, ou porque não sabemos ter outra atividade agrícola. Esse quadro que se deteriorou mais em relação à soja, esse quadro em outros setores do agronegócio já vem de longa data se deteriorando, vem se complicando, e às vezes até os produtores não vêm gritando com a mesma ênfase que estamos gritando agora.

No passado estávamos com opção de plantar algodão ou não. E eu fiz as contas e achei que não era tão bom plantar algodão, e acabamos não plantando. Hoje, eu acho que fiz um bom negócio. Este ano, eu plantei algodão e não sei como que é que vou ficar no final, na hora de pagar as contas.

Eu vou só mostrar numa planilha como muda. Não existe uma explicação só para essa situação de crise. E nós estamos numa dificuldade adicional em que a soja virou um produto de especulação. Hoje, o que forma o preço de soja, muito mais do que a demanda ou a oferta, é a ação

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

dos grandes fundos de investimento, é a demanda por papel soja. Hoje, os grandes fundos de investimento resolvem comprar a soja no mercado em Chicago, que é a referência de preço e a soja passa quatro, cinco dias, com o preço estourando. Hoje, a informação que eu tenho é que eles estavam vendendo o papel soja, que já estava com vinte e poucos pontos de queda na Bolsa de Chicago e não sei quanto que caiu. Quer dizer, aquilo que era uma realidade há 30 dias, hoje mudou totalmente, e o que era realidade, anteontem, quando eu saí do meu escritório para atender alguns negócios, de repente, a conta que eu pagava, hoje, eu já não pago mais.

Então, eu acho que isso obriga o produtor de soja, e acho que é um papel que nós, como entidades de classe e outras entidades que estão aqui presentes também, de certo modo, esse é um caminho que nós vamos ter que trilhar - e a soja é mais especulação ainda -, de nos profissionalizarmos e fazermos um investimento. Vamos precisar de ajuda da Assembléia e do Governo, para estarmos juntos fazendo um investimento para mudar. O produtor é que nem aquela bolha da Internet, acharam que ia dar muito resultado, entraram comprando as ações de uma hora para outra. Uma *Microsoft* de um bilhão, dois bilhões de dólares passou a valer sessenta, setenta bilhões de dólares. Daí eles resolveram que aquele negócio já tinha passado de moda e entraram vendendo e, de repente, o pessoal tinha pó nas mãos.

Então, eu só vou fazer alguns comentários sobre o que está acontecendo hoje, para mostrar que mesmo com esse aumento de preço, mesmo assim, em muitos lugares, a grande maioria dos produtores, na minha opinião, não cobre os seus custos de produção, não consegue pagar. Eu duvido que tenha algum produtor - deve ter as exceções de uma regra - que está com 100% da produção e que poderia ter vendido segunda-feira, talvez, a onze dólares e cinquenta a saca. Tem produtor que já vendeu a oito dólares, 20%, 30% da produção, tem produtor que já vendeu a dez dólares.

A minha média, só para ter uma idéia, em Rondonópolis, em termo de logística, é privilegiado - não é o caso de Sinop, não é o caso e Sorriso, não é o caso de outras regiões aí - a minha média, os negócios que fechei na segunda-feira estava em torno de dez dólares, porque eu tinha soja fechada a nove, inclusive fechada a mais de onze. Mas quem não fechou na segunda-feira, no melhor momento do mercado, hoje já não pega mais onze dólares, com certeza.

Eu vou passar para o outro lado, só para dar uma demonstração que, talvez, esclareça um pouquinho melhor como subiu o preço. Agora está tudo resolvido e nós estamos aqui, achamos que as medidas que o Governo tomar serão insuficientes, não resolverão o problema e temos que continuar mobilizados.

Eu quero dizer para a Assembléia Legislativa que estamos à disposição, Deputado Humberto Bosaipo. Muito obrigado! Parabéns pela iniciativa e queira levar a todos os Deputados esse nosso reconhecimento pela Assembléia Legislativa estar fazendo, inclusive, o papel que nós produtores já deveríamos ter antecipado a bem mais tempo (PALMAS).

Eu vou passar para o outro lado para fazer uma demonstração.

Bem, aqui eu estou realizando um trabalho sistêmico no nosso negócio e fazemos simulação de venda antes de resolver plantar ou deixar de plantar.

Em janeiro de 2004, a soja estava cotada no mercado a treze dólares sessenta, o câmbio, na época, era dois dólares e oitenta. A nossa produtividade esperada era de cinquenta e cinco sacas por hectare. Dentro dessa realidade, nós venderíamos a soja de um hectare a dois mil e cem reais, o nosso custo de produção em torno de mil e duzentos reais, a nossa rentabilidade era em torno de oitocentos e noventa reais o hectare.

Em setembro de 2004, já tínhamos tomado a decisão de plantar, só faltava jogar semente na terra, mas o adubo já estava comprado, os insumos já estavam comprados, nós trabalhávamos com soja a dez dólares a saca, trabalhávamos com a perspectiva de campo de dólares

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

a três e trinta, agora para o mês de abril, maio que era a época de comercialização e também com a produtividade histórica nossa de cinqüenta e cinco sacas de soja por hectare. O nosso faturamento seria um mil, oitocentos e quinze reais por hectare, e nosso custo de produção, e aqui quero chamar a atenção para esse item, o custo de produção era em torno de mil e seiscentos reais por hectare, custo projetado, é a realidade da nossa planilha, nós ainda teríamos um resultado positivo de duzentos e doze reais por hectare. Não seria um resultado tão bom, porque aí tem mais custos administrativos e tal, mas ainda assim seria um resultado positivo.

Chegou em janeiro deste ano, nós estávamos trabalhando com dólar, com soja, isso eu estou falando Rondonópolis, a nove dólares, teve gente que vendeu a oito dólares a saca de soja, estávamos trabalhando com o dólar a dois e setenta e cinco, até porque tinha tido alguns problemas na época do plantio, na média de cinqüenta sacas por hectares. Nós teríamos aí um faturamento de mil duzentos e trinta e oito reais por hectare, um custo de produção, aliás, mil oitocentos...

Aqui em janeiro, mil duzentos e trinta e oito, nós tínhamos reduzido, tomado algumas medidas para cortar custos, porque nós sabíamos que haveria problemas. Nosso custo de produção nós tínhamos conseguido reduzir um pouco, porque não tem muito que mexer no custo de produção, é adubo, é inseticida, é fungicida, nós tínhamos conseguido reduzir para mil quinhentos e quarenta e seis, nós teríamos um prejuízo por hectare de trezentos e nove reais.

Trezentos e nove reais por hectare é alguma coisa que se você multiplicar em média pelos sete milhões de hectares, ou seis milhões de hectares do Estado de Mato Grosso, dá um buraco de um tamanho meio assustador que, com certeza, só para vocês terem uma idéia, se nós fossemos trabalhar jogando essa média de serviço prestado como um todo, seis milhões de hectares, daria um prejuízo em torno de um bilhão e novecentos milhões de reais, considerando se essa realidade fosse a média do Estado de Mato Grosso. Mas a realidade mudou, quando chegou agora... Uma outra coisa que eu queria chamar atenção aqui é para uma hipótese que mostra como o nosso problema maior é custo de produção. Se eu tivesse esse mesmo faturamento de mil duzentos e trinta e oito reais por hectare, mas o meu custo de produção fosse igual ao custo de produção do ano passado - nós vivemos numa economia estabilizada -, mesmo assim eu teria uma rentabilidade de trinta e nove reais por hectare. Cobriria o meu custo de produção. O meu problema seria só pagar aí, de onde eu tiraria o dinheiro para pagar os meus investimentos e isso varia de produtor para produtor. Agora essa realidade mudou. Eu acho que nós podemos considerar - e cada lugar vai ser uma realidade -, podemos considerar, sendo otimistas, uma média de dez dólares por hectare de preço de venda, se tivesse o pessoal aproveitado essa realidade de ontem e se o mercado não piorasse muito mais do que está.

O dólar, ontem... Eu acho que vou deixar os dois e setenta e cinco, porque hoje já deu uma despencada no dólar também, mas nós temos realidade. Eu estive, por exemplo, neste fim de semana, lá na região de Guiratinga, região que produzia normalmente... Lá e aqui tem produtores que plantam. Lá no Tesouro, lá no Chapadão do Dantas - podem me corrigir -, lugares onde normalmente se colhia sessenta sacas por hectare, eu vejo lá produtor colhendo não sei se vai passar de quarenta e cinco sacas por hectare, Hélio. Vamos considerar quarenta e cinco sacas por hectare. O prejuízo ainda é, com toda essa reação de preço, lá naquela região, em torno de cento e setenta e um reais por hectare, considerando custo de produção. Não estou considerando pagamento de investimento.

Lá em Rondonópolis eu não sou arrendatário, e uma boa parte da nossa área plantada é em cima de áreas arrendadas. É justo, se eu tenho um investimento em terra, que eu tenha uma remuneração. Se eu deixo de arrendar para o Lairto, que está querendo ampliar a área, e ele me

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

pagaria sete sacas por hectare, eu tenho o direito de - se eu planto lá - ter uma remuneração de seis ou sete sacas por hectare.

Nós temos realidade, por exemplo: isso aqui, talvez, não sei se vai ser a média da região sul do Estado de Mato Grosso, mas temos notícias de companheiros lá em Itiquira, por exemplo, principalmente naquela região ao longo do rio Corrente - eu não sei se é a realidade do município todo -, que ficou trinta dias sem chover. Têm companheiros lá com talhões, e está aqui o Ricardo, por exemplo, que estava me falando que eles têm áreas em que já se fez as três aplicações de fungicidas, mas não se sabe nem se vai colher vinte sacas por hectare de talhão.

Então, de repente, essa realidade ainda é otimista. Se eu trabalhar com quarenta sacas por hectare - tem alguns lugares em que a realidade é essa - o prejuízo é de quatrocentos e quarenta e seis reais por hectare.

No norte do Estado, Sorriso e Sinop - está aqui o Argino que pode dizer se nós estamos falando a verdade ou não -, o problema é exatamente o contrário. Eu falei segunda-feira com produtores lá de Sorriso que estão tendo dificuldades e não estão conseguindo tirar o produto da lavoura. Entra, colhe... Quase todos os dias conseguem colher uma hora, duas horas. Alguns, às vezes, passam dois, três dias sem colher, e eles estão perdendo soja. Basta ir lá nas *trades* que estão recebendo soja para ver o quanto por cento de ardilo está entrando e quanto por cento de grãos deteriorados estão entrando e sendo prejudicados pelo excesso de chuva que está acontecendo. A região que, em termos climáticos, correu mais normal, foi a região do médio-norte, a região de Sapezal. Pelo menos é onde eu tenho visto notícia. Mas é a região que colheu mais cedo. O Helmute poderia me dizer qual a idéia de média lá de Lucas do Rio Verde. Vamos considerar cinquenta e cinco sacas por hectare? É mais ou menos isso?

O SR. HELMUTE (FORA DO MICROFONE) - Tinha essa expectativa. Hoje, é um pouquinho mais.

O SR. ROGÉRIO SALLES - Vamos trabalhar mesmo com cinquenta e cinco sacas por hectare. O produtor lá colhe mais cedo, e acaba vendendo, comercializando a safra por um preço bem menor do que a nossa. Então, a média lá, com certeza, não são dez dólares por saca, porque aquilo que ele esperava vender mais caro agora, ele não vai colher. Então, mesmo que o produtor lá de Lucas do Rio Verde colha cinquenta e cinco sacas, com o dólar a dois e setenta e cinco, a média dele não vai passar, na minha opinião, de nove. Ainda assim ele tem um prejuízo. Mesmo com toda essa melhoria do mercado, ele tem um prejuízo de cento e oitenta e cinco reais por hectare.

Aqui em baixo nós temos o custo de produção da EMBRAPA: mil trezentos e noventa e seis reais por hectare. Aquele é meu custo lá em Rondonópolis. De repente eu tenho custos fixos maiores, então acaba distorcendo. Mas aqui só os custos variáveis da EMBRAPA dão aproximadamente mil e quatrocentos reais. Dão mil trezentos e noventa e seis, para ser exato, calculado os custos variáveis. Isso custo calculado lá em Sorriso. O prejuízo baseado nessa realidade é trinta e cinco reais por hectares, só para cobrir os custos variáveis. Não tem juros de prestação nenhuma. Não tem arrendamento. Não tem nada.

Eu cheguei aqui, e uma jornalista questionou: “melhorou passar de vinte para trinta reais por hectares?” Com certeza, está menos pior. Agora, resolveu o problema? Eu acho que não resolveu ainda. Nós temos uma batalha pela frente e, pelo contrário, hoje é muito mais difícil, porque nós temos o problema do sul, onde não estão colhendo praticamente nada.

Aqui nós somos cinco mil, seis mil produtores que plantam seis milhões de hectares. Lá são cinquenta ou cem mil produtores que plantam dois milhões de hectares. Com dez, vinte por cento do dinheiro, o Governo federal resolve lá o problema do Rio Grande do Sul. Aqui o volume de recurso é muito maior, porque os investimentos, como Homero colocou, foram muito maiores. Nós não conseguimos e é incompetência nossa, falha nossa, por isso nós estamos

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

organizando exatamente o valor que nós devemos de financiamento e investimento que vence esse ano.

Mas, só com parcelas de investimentos FCO, FINAME, MODERFROTA, passa de um bilhão de reais. Se nós temos aqui, dentro dessa realidade, um bilhão e cem que falta para cobrir o custo de produção, tem mais um bilhão de parcelas de investimentos que vencem esse ano e com que os produtores vão ter dificuldades. Eu acho que com essa redação que foi dada pelo Conselho Monetário Nacional - e aqui eu quero mais uma vez parabenizar o trabalho que o Homero vem fazendo, se desdobrando tentando ser bombeiro em todas as atividades e com estrutura muito aquém do que seria necessário -, esse problema com essa medida provisória vai fazer com que - eu não quero aqui defender os bancos, até porque eu não sou banqueiro, mas está aqui o Superintendente do Banco e todos os produtores ou a grande maioria dos produtores de Mato Grosso que vão usar argumentos como: no norte, porque está chovendo demais; na região sul, porque não chove; e em outras regiões, porque o preço de venda não criou a rentabilidade suficiente para fazer frente a esses pagamentos - a grande maioria dos produtores entre com pedido de prorrogação. E eu não sei não, mas tem bancos aí que operam aqui com dois, três mil contratos e não têm nenhum funcionário no Estado. Fazem via correspondência. Não tem como em dois, três meses, agilizar tudo, analisar e fazer todo esse trabalho de prorrogação. Eu acho que vai ser criado um problema sério, menor do que se tivéssemos vendendo soja a oito dólares, com o dólar a dois e cinquenta, mesmo assim muito mais sério do que nós estamos conseguindo passar à sociedade como um todo. Eu acho que o problema ainda é grave e exige de todos nós, produtores, muito cuidado até de como tratamos essa questão.

Eu queria agradecer a oportunidade e parabenizar mais uma vez a Assembléia Legislativa.

Eu quero dizer ao Deputado Humberto Bosaipo - e gostaria de cumprimentar o Deputado Riva, que se faz presente - que nós estamos lá à disposição.

Nós, ainda, não temos estrutura. A Associação dos Produtores de Soja existe de fato e de direito, mas ainda é meio virtual. Mas nós queremos nos colocar à disposição para subsidiarmos os Deputados, darmos todas as informações que forem necessárias. E a nossa intenção é estar presente, informando a todos, até para que nós consigamos tocar esse negócio, o agronegócio, a cultura da soja no Estado de Mato Grosso com a responsabilidade que tem que ser tocada, como uma cultura que gera milhões de empregos e que ajuda a alavancar o desenvolvimento do nosso Estado. Muito obrigado (PALMAS).

(O SR. DEPUTADO HUMBERTO BOSAIPO ASSUME A PRESIDÊNCIA ÀS 16:13 HORAS.)

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Nós vamos ouvir agora, o Sr. Jorge Pires de Miranda, que é Presidente da Associação dos Criadores do Estado de Mato Grosso - ACRIMAT.

Queremos anunciar a presença do Deputado Riva em plenário.

Antes, eu gostaria de reconstituir a Mesa.

Convido o Deputado Riva para compor a Mesa.

O SR. JORGE PIRES DE MIRANDA - Sr. Deputado Humberto Bosaipo, a quem parabenizo por esta iniciativa, como promotor desta Audiência Pública; Sr. Deputado Riva, 1º Secretário desta Casa; Sr. Deputado Zeca D'Ávila, nosso companheiro e Vice-Presidente da ACRIMAT, aqui presente; Presidente da FAMATO, nosso companheiro Homero Pereira; cumprimento todos os prefeitos aqui presentes, em nome do Prefeito de Alto Taquari, Lairto, nosso companheiro e amigo; Sr. ex-Governador Rogério Salles, Presidente da Associação dos Produtores de Soja; meus companheiros produtores rurais, pecuaristas de Mato Grosso, dos municípios,

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

sindicalistas aqui presentes e também de outros Estados aqui presentes, como estão aqui também produtores de Minas Gerais e outros lugares:

É com grande satisfação que nós produtores rurais de Mato Grosso viemos aqui na Assembléia Legislativa, hoje, participar de uma Audiência Pública, convocada por Vossas Excelências, para discutir problemas inerentes ao setor produtivo mato-grossense brasileiro.

Nós atravessamos, realmente, uma fase difícil, talvez uma das piores já vista, principalmente na pecuária mato-grossense e nacional.

No dia 03 de fevereiro, quando assumimos a Presidência da Associação dos Criadores de Mato Grosso, missão que tivemos grande dificuldade em assumir por compromisso que tenho pela frente, mas que, por insistência de companheiros classistas, resolvemos assumir. Mas antes de assumir, nós tivemos algumas conversas, principalmente com o Presidente da FAMATO, nosso companheiro e amigo Homero Pereira, porque entendíamos que a ACRIMAT - Associação dos Criadores, uma entidade que cuida dos assuntos dos pecuaristas, e principalmente pelos problemas que a nossa classe estava atravessando, não podíamos assumir aquela entidade se não tivéssemos um bom relacionamento com a célula *mater* da nossa entidade, que é a Federação da Agricultura.

Nós nunca tivemos antes um relacionamento tão cordial como estamos tendo neste momento. E ouvimos ali, até porque estávamos ouvindo o Rogério Salles dizer sobre a falta de estrutura, que realmente isso acontece conosco, mesmo lá na ACRIMAT, mas quando nós necessitamos a FAMATO é hoje uma entidade que se coloca à disposição, com toda uma equipe técnica, uma logística, uma infra-estrutura, para que tenhamos conhecimento dos fatos, tenhamos conhecimento dos números, para que nós nos aproximemos daquilo que está acontecendo na realidade da pecuária, da agricultura mato-grossense, do Brasil e também do mundo. Nisso nós temos grande dificuldade e a FAMATO tem hoje uma estrutura eficiente, que vem sendo montada ao longo dos anos, inclusive com a participação do ex-Presidente, hoje Deputado Zeca D'Ávila, que lá esteve por longos anos.

E nós, junto com o Homero Pereira, resolvemos assumir essa empreitada e estamos desenvolvendo, há pouco mais de 30 dias, e dentro dessa dificuldade que encontramos no setor, vamos falar um pouco da pecuária, porque já foi registrada aqui, tanto pelo Homero Pereira como pelo Rogério Salles, essa questão, tanto da soja quanto do arroz, quanto do algodão e da agricultura, que foi bem discernida por eles.

Nós temos hoje, Srs. Deputados, problemas na classe da pecuária, talvez dos mais difíceis que já atravessamos, com o preço da arroba do boi de Mato Grosso o mais baixo da história que já tivemos, na história mais recente em comparação ao dólar, com o mais alto custo de produção que já tivemos.

Hoje, estamos enfrentando, com a indústria frigorífica, uma das maiores quedas-de-braço já existentes em toda a história, haja vista nós nos mobilizamos em todo o Brasil e estamos aí já na quarta reunião nacional, amanhã acontece uma reunião no Mato Grosso, que foi iniciada por Goiás, depois por Mato Grosso do Sul e outras localidades. Amanhã estarão aqui representantes de todo o Brasil e certamente a maior parte dos pecuaristas de Mato Grosso para discutir esse problema que estamos atravessando.

Problemas esses que vêm desde a desconfiança do peso, da classificação de carcaça, do rendimento, da questão do pagamento, inclusive da confiança da empresa, das pessoas que estamos vendendo.

Não sabemos hoje, inclusive, Deputados, para quem estamos vendendo. A maior parte dos frigoríficos está em nome de laranjas, a maior parte dos frigoríficos funciona como

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

empresas laranjas hoje, em Mato Grosso. A maior de parte de frigorífico nos engana em relação aos pesos.

Nós tivemos um grande avanço no Mato Grosso e no Brasil em relação à pecuária. Nós saímos de vinte anos para cá com um boi que demorava mais de cinco a sete anos para engordar. Matávamos um boi com dezessete arrobas, que demorava sete anos para engorda. Hoje conseguimos engordar um boi com vinte e oito, trinta meses, e o matamos com dezessete arrobas.

Hoje a nossa carne é cobiçada pelo mundo inteiro, a carne do boi verde, a carne em que não utilizamos produtos desconsiderados pelo mundo. Então, conseguimos evoluir da porteira para dentro, mas não conseguimos alcançar isso da porteira para fora. Porque estamos na mão de quatro ou cinco grupos empresarias que hoje dominam esse setor no Brasil.

Existe um ditado que está sendo muito propagado e que usamos dizer isso: As pessoas muitas vezes se unem ou pelo amor ou pela dor. A nossa classe começou a se unir ultimamente pela dor. Pela dor de amargar um dos maiores prejuízos dos últimos tempos, porque muitas vezes com o aumento do rebanho bovino que conseguimos em Mato Grosso, passamos a ser o maior rebanho do Brasil, uma das melhores qualidades de gado no Brasil, mas passamos a ser manipulados.

Antigamente, quando conseguimos implantar a rastreabilidade, fomos penalizados. O boi sem rastreamento custava 58 reais e o boi rastreado passou a valer 58 reais, e o não rastreado voltou para 56 reais. O pecuarista tem pago todos esses avanços conseguidos para melhoria genética que depois o frigorífico passa a levar vantagem na exportação. A questão do couro, da melhoria do couro, nós não somos recompensados.

Sem dizer, hoje, a questão da escala. Antigamente, nós tínhamos uma escala que se fazia até 15 dias. Hoje os pecuaristas são obrigados a amargar escalas que vão até 35 dias. Antigamente, o prazo máximo de pagamento era de 20 dias, hoje não se discute o prazo mínimo por menos de 30 dias. Quando se fala em desconto de duplicata, desconto de promissória rural, não se fala em menos de 5%.

Então, hoje a classe que proporcionou a melhoria do seu rebanho é penalizada, é injustiçada e é descapitalizada por uma classe que se uniu em seis ou sete grupos. Mas essa união já começou a surtir efeitos graças a um Movimento da CNA, da FAMATO, dos pecuaristas, dos produtores. Hoje já existe uma ação no CAD pela formação de cartel. Espero que, com o apoio de autoridades... Porque é difícil para nós, e nós não temos, muitas vezes, voz nos Parlamentos, como os Deputados Estaduais, que por essa grande iniciativa podemos começar a ser lembrados. É muito mais fácil termos voz através da Assembléia Legislativa, que consegue ter voz na Câmara Federal, no Senado da República e talvez até nos Ministérios.

Nós precisamos encurtar essa distância, e se encurta tendo pessoas, tendo político que começa a ter essa visão. Não que tenha visão retrógrada como as visões de antigamente. Nós precisamos mudar essa visão da política, visão que aproxime o setor produtivo do setor que decide em Brasília, do setor que consegue melhorar a vida daquelas pessoas que produzem.

Por exemplo, Srs. Deputados, no ano passado Mato Grosso teve o maior rebanho bovino do Brasil. Certamente é o Estado que mais abate. No ano passado o abate de fêmea representou 44% do abate geral no Estado de Mato Grosso e nem por isso nós conseguimos ver na ponta de venda a diferenciação de preço de carne de fêmea do boi macho. Se nós conseguíssemos ter essa diferenciação, talvez conseguíssemos ter um maior consumo de venda e uma melhor quantidade de abate. Nós não estamos tendo isso! Na hora que se compra, se compra pelo preço de vaca. Na hora que se vende, se vende tudo pelo preço de boi. Nem nisso nós somos compensados!

Esse cartel que hoje é instalado no Brasil, nós precisamos ter o desfecho final.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

A questão da rastreabilidade, aqui já dita, foi totalmente bancada pelo pecuarista. Ultimamente nós temos sido acusados de escravizar nossos funcionários, além de trabalho escravo, por condição degradante de trabalho. Vejam bem, onde implantamos nossas áreas rurais, como é que nós podemos implantar alguma coisa se lá não tem nada de fincado, se precisamos para abrir qualquer coisa, implantar primeiro um núcleo de assentamento, um núcleo de abertura. Nós precisamos, então, de um entendimento entre a nossa classe, pessoas que conhecem a realidade, não aqueles que ficam sentados em gabinete, aqueles que nunca sofreram uma picada de mosquito, ou, talvez, aqueles que nunca sujaram o pé de barro.

Então, quero dizer a todos vocês que nós estamos buscando entendimento junto a FAMATO e todo setor produtivo, para que busquemos entendimentos e propostas para conseguirmos um bom entendimento. Eu tenho certeza de que nesta Assembléia Legislativa podemos começar, Deputado Humberto Bosaipo.

E aqui eu quero, Deputado Riva, propor a esta Assembléia Legislativa, que esta Audiência Pública, quero fazer uma proposta, que possamos começar com um bom entendimento. Nós temos hoje um gargalo porque o nosso rebanho cresceu muito e as nossas plantas frigoríficas não aumentaram no Estado. Nós temos hoje implantado no Estado, a questão do ICMS, o acordo do Governo com os frigoríficos é um entendimento onde se estima o ICMS pago por eles. Nós precisamos abrir a porteira do Estado para que nós possamos vender bois para outros estados, para tirar o boi em pé daqui. O boi aqui é abatido com, mais ou menos, 3% de ICMS, para se tirar o boi para fora, se compra a 12%. Não se tira boi em pé daqui! Então, o Estado não tem recolhido nada com 12%.

Então, seria um ponto de partida para que esta Assembléia Legislativa se mostre que está predisposta a ajudar o setor pecuário, que ela tome a iniciativa de reduzir a pauta do ICMS de 12% para os mesmos 3%, para que nós possamos tirar boi em condições iguais aos que os frigoríficos daqui comprem, para que nós possamos diminuir um pouco a escala de abate, diminuir um pouco essa fila que encontra hoje o pecuarista mato-grossense.

Então, fica aqui essa proposta da Associação dos Criadores, para que esta Assembléia Legislativa examine essa proposta a partir de agora. Não proposta de aumento de impostos, porque o setor produtivo não agüenta mais nenhum centavo de aumento de impostos, mas que possamos diminuir os aumentos de impostos e que possamos, sim, não diminuir a arrecadação do Estado, mas também desafogar o número de boi gordo que nós temos no Estado de Mato Grosso.

Estamos aqui dispostos a responder qualquer pergunta dos Srs. Deputados.

Muito obrigado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Vamos ouvir o Dr. Sérgio de Marco, Vice-Presidente da Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão.

O SR. SÉRGIO DE MARCO - Boa-tarde a todos!

Nobres Deputados, antes de tudo eu quero agradecer a iniciativa do Deputado Humberto Bosaipo, por ter nos chamado e para tentar entender a situação da agricultura em Mato Grosso. Eu vou falar um pouquinho aqui especificamente da área do algodão para vocês terem uma noção, porque a mídia divulga uma coisa hoje e a coisa muda rapidamente.

Há dois anos atrás, quando nós plantávamos um hectare de algodão, o nosso custo era mil duzentos e cinquenta dólares - eu vou falar em dólar, porque é o câmbio que todo mundo trabalha. Hoje, para plantarmos um hectare de algodão em Mato Grosso, com alta tecnologia, nós gastamos mil e setecentos dólares. Isso subiu em 36%, em dois anos, principalmente por causa dos fertilizantes. E os insumos da agricultura também subiram. Em contrapartida nós vendíamos uma arroba de algodão por setenta centavos de libra/peso. Hoje, nós não temos mercado a quarenta e oito centavos de libra/peso. A queda foi de 38% e não perspectiva no algodão.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Outra coisa: no sul do Estado as lavouras não estão boas. O Estado é tão grande... O Rogério Salles foi muito feliz nessa parte. No nortão está chovendo demais, no sul do Estado, como Itiquira, Alto Garças, Tesouro, regiões localizadas, têm estiagem... Eu mesmo presenciei uma estiagem, na minha fazenda, de trinta e cinco dias.

Então, o mercado de algodão, Srs. Deputados, é muito oscilativo. O nosso problema chama-se custo de produção e nós não conseguimos baratear o custo de produção. Eu não sei... Tem gente que vê aí uma válvula de escape que está inaugurando.

Eu queria dizer para vocês, para não me alongar, todo mundo vai falar, que os produtores de algodão no Estado de Mato Grosso são quinhentos e trinta produtores. Plantamos quatrocentos e vinte e cinco mil hectares de algodão. Produzimos quinhentas e oitenta mil toneladas de plumas. Exportamos, dessas quinhentas e oitenta mil, em torno de duzentos e cinquenta mil toneladas de plumas. O resto fica no mercado interno. No mercado interno é meio complexo você dar uma alavancada, é um pouquinho diferente do *commodities* de soja.

Então, nós estamos em serias dificuldade. Agora, eu quero dizer a vocês, nobres Deputados, que a parte social do produtor de algodão faz muito bem para o Estado. Nós contratamos diretamente cinquenta e cinco mil funcionários na cadeia de algodão do Estado. Isso eu acho que é importante. E são funcionários especializados, são funcionários profissionais no ramo. E nós tratamos muito bem desses funcionários, mas, às vezes, aparecem na mídia coisas como: que há trabalho escravo, que tem não sei o quê... Eu garanto a vocês que noventa e nove por cento dos produtores de algodão são altamente profissionais e são pessoas sérias.

Então, estamos gerando Estado e estamos gerando emprego no Estado. Estamos gerando divisas.

Essa sustentação de duzentas e cinquenta mil toneladas, mais ou menos, corresponde para a balança comercial do Brasil, trezentos e cinquenta milhões de dólares. Esse é o Estado de Mato Grosso que faz, e nós somos hoje o maior plantador de algodão do Brasil. Então, estamos de braços abertos. Para essa safra de 2005, nós estamos plantando um por cento a mais do que plantamos na safra passada.

A perspectiva para 2006, Srs. Deputados, é uma incógnita. Ninguém sabe como o mercado vai. Mas acho que o agricultor profissional que está no algodão vai permanecer no algodão, sem dúvida nenhuma. É só. Muito Obrigado. (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Vamos ouvir agora Dr. Ângelo Maronezzi, Presidente da APA. Associação dos Produtores de Arroz de Mato Grosso.

O SR. ÂNGELO MARONEZZI - Gostaria de cumprimentar o Deputado Humberto Bosaipo, e agradecer o convite feito pela Associação para estar falando sobre o nosso arroz de cada dia.

Gostaria também de cumprimentar, em nome do Sr. Homero Pereira, todos os Presidentes de Entidades e Associações aqui presentes. Em nome do ex-Governador Rogério Salles, gostaria de cumprimentar todas as autoridades presentes e, especialmente, cumprimentar todos os agricultores presentes neste debate.

Eu não quero chover no molhado, uma vez que tivemos excelentes palestrantes que nos antecederam. Eu vou tentar posicionar a cultura do arroz de uma forma bastante rápida, porque eu acredito que o mais importante, que é a crise do agronegócio, foi amplamente discutido e foi claramente colocado.

Quanto à cultura do arroz nas décadas de 70 e de 80, o Brasil considerava Mato Grosso como um produtor de grão porcaria. E era mesmo. Desculpem-me o termo, mas era mesmo! Era um grão redondo, grão gessado. Era um arroz de baixa produtividade. E o Governo é que comprava nas décadas de 70 e de 80. A pesquisa evoluiu muito, acreditou-se. A EMBRAPA

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

trabalhou pesado no Estado e na década de 90 nós tivemos uma revolução na cultura do arroz. Tivemos uma nova concepção. Tivemos uma revolução tanto em produtividade, quanto em qualidade de grão. Mato Grosso deixou de produzir vinte e cinco, trinta sacas por hectare e começou a produzir usando tecnologia adequada e as variedades adequadas que surgiram na década de 90, em 1994 e 1995, com o CIAT - Centro Internacional de Agricultura Tropical, com a CIDE - Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico e com o CIRAD - Centro de Cooperação Internacional em Pesquisa Agronômica para o Desenvolvimento. Começamos a produzir setenta, oitenta, noventa sacas por hectare com qualidade, grão longo, fino. Ou seja, deixamos de produzir porcaria e começamos a produzir aquilo que o mercado, aquilo que a dona de casa queria, que é o grão longo, fino.

Nós deixamos de produzir arroz apenas e tão-somente em abertura de área e renovação de pastagem, que é o que acontecia na década de 70 e na década de 80, para começarmos a produzir arroz em terra velha, em terra de vários anos de cultivo, como opção e excelente opção de rotação de cultura para a soja, e com alguns agricultores, inclusive, usando para rotação do algodão.

Nós tínhamos algumas indústrias. Eu diria que as indústrias que Mato Grosso tinha nas décadas de 70 e de 80 eram indústrias com muita teia de aranha. Hoje, nós temos um parque industrial em Mato Grosso com capacidade de beneficiamento de um milhão e duzentas mil toneladas. Este ano a perspectiva é de produzir em torno de um milhão e oitocentos a dois milhões de toneladas de arroz. Nós enxergamos alguns pontos de estrangulamento que têm que ser resolvidos de forma imediata este ano.

Nós estamos com um custo de produção de arroz, uma média dentro do Estado, em torno de quatro mil quilos por hectare, em torno de R\$26,50 a R\$27,00 a saca. E nós temos um custo, hoje, remunerador, a indústria pagando para o agricultor, uma média dentro do Estado de R\$21,00, ou seja, tem uma diferença muito grande. E o agricultor que vendeu o seu arroz hoje não vai conseguir honrar seus compromissos.

Então, é necessário que, de imediato, Srs. Deputados, aconteça a liberação dessa tão propalada e divulgada verba para estocagem, verba para instrumento de comercialização. Faz quinze dias que tem aí. No primeiro momento, foram divulgados três bilhões de reais para instrumento de comercialização. Na semana passada, foram divulgados setecentos milhões de reais também como instrumento de estocagem para que ajude o agricultor a segurar o seu produto por uma comercialização no momento mais adequada.

Então, essa seria uma medida mais urgente, a Assembléia, os Srs. Deputados ajudarem, isso não só para a questão do arroz, mas para o agronegócio de maneira geral. Tem que haver a liberação. Tem que acontecer a liberação.

Outra medida que Mato Grosso, de repente os senhores produtores de arroz não sentem de forma direta, é a entrada de arroz em outros países. Uruguai e Argentina despejaram arroz dentro do Brasil de forma desavergonhada. Fora amplamente divulgado que entra arroz do Uruguai e da Argentina na divisa com o Brasil, caminhão com trinta toneladas e nota fiscal com dez. Em alguns postos de fiscalização, na divisa, nem balança rodoviária tem. E de forma mais desavergonhada, foi a entrada de arroz do Suriname no norte do Brasil.

O senhor pode estar falando: Mas no Suriname, inclusive, é arroz contrabandeado, lá não tem MERCOSUL nem MERCONORTE, é arroz contrabandeado mesmo... Os senhores podem estar perguntando: Mas eu estou em Mato Grosso, o arroz do Uruguai e da Argentina influenciam no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, e o arroz do Suriname influencia no Pará, no Maranhão, no Piauí e no Ceará que também são produtores de arroz, e, indiretamente, influencia aqui...

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

E foi um fator que fez com que aquele bom agricultor, o bom produtor de arroz que tem qualidade, que tem produtividade e teve fôlego e competência para segurar o seu arroz até outubro, novembro e dezembro, que historicamente são os melhores momentos para vender arroz pisassem na bola no ano passado. O arroz não reagiu e é essa a explicação, a entrada de arroz de outros países. Num momento em que o Brasil está respondendo com produtividade, com qualidade o nosso Governo Federal autoriza a entrada de milhões de toneladas e não fiscaliza como deveria fiscalizar a entrada de arroz, tipo do Suriname no Brasil, que está entrando, segundo os produtores do norte, de uma forma contrabandeada.

Pauta do arroz. Eu falarei três itens que nós da Associação consideramos que têm que ter medidas, medidas urgentes a serem tomadas, para que a classe produtora de arroz e alguma delas para o agronegócio possam se sustentar e possam empurrar para frente suas dívidas, suas contas, não digo para 5, 6 anos, mas dentro do ano mesmo. Nós queremos honrar com nossos compromissos, mas precisamos de um apoio neste momento.

A pauta do arroz, a Associação vem trabalhando com o Governo Estadual já há dois anos. A diferença entre pauta e preço de mercado, preço que na realidade o agricultor ganha, estava muito distanciada. Nós conseguimos, trabalhando com o Governo do Estado, puxar para... Hoje está R\$25,80 e estamos vendendo arroz a R\$18, R\$19, R\$20. Ainda está longe.

Nós encaminhamos uma carta para a Secretaria de Fazenda na semana retrasada e esperamos que aconteça o equilíbrio entre pauta para sair do Estado e o preço que o agricultor recebe das indústrias. Nós fomos muito criticados, quando nós brigamos. Nós reivindicamos que queremos uma pauta dentro da realidade do mercado. Nós fomos muito criticados pelas indústrias e por alguns políticos que dizem que nós somos contra o parque industrial mato-grossense. De forma nenhuma. O que nós queremos é que a cadeia produtiva da cultura do arroz se fortaleça. Nós não queremos que o produtor ganhe dinheiro e a indústria e o consumidor não ganhem. Nós não queremos que a indústria ganhe dinheiro e o produtor e o consumidor fiquem a ver navio. Ou seja, nós queremos que todos os setores caminhem bem. Nós queremos, como produtor que sou, e eu tenho certeza de que todos vocês, ter a liberdade de vender o nosso produto para as indústrias de São Paulo, para as indústrias de Goiás, para as indústrias de Minas Gerais, inclusive para as indústrias do sul também. Nós não queremos ser obrigados a vender arroz para as indústrias de Mato Grosso. Por mais que nós respeitamos os investimentos que eles fizeram aqui dentro, os empregos que eles geraram e as arrecadações - arrecadação eles não dão muito para o Estado, porque estão isentos pelo Pró-Arroz e praticamente não pagam imposto. Queremos que toda cadeia vá bem. Não que um setor, outro setor vá bem. É desse jeito que a Associação trabalha. Nós buscamos valorizar o produtor, mas queremos que toda cadeia da cultura do arroz seja valorizada e toda cadeia da cultura do arroz ganhe dinheiro.

Enxergamos, para encerrar, a médio e longo prazo, algumas medidas que têm que ser tomadas tanto para a cultura do arroz como também para o agronegócio no Mato Grosso não viverem em cima desses solavancos e viverem no berro quando acontece qualquer situação de câmbio ou de aumento de custo.

Entendemos que a falta de infra-estrutura que foi muito colocada pelo Dr. Homero, eu diria que o maior problema do Estado de Mato Grosso, é a falta de ferrovia, de rios navegáveis e a falta de BRs com decência para se viajar sem risco de morrer, de sofrer um acidente. Além de tudo isso, quando temos uma BR-163 esburacada, como temos, nós temos um aumento de frete muito alto e esse aumento de frete não arrebenta nas costas de outros setores de qualquer cadeia, de qualquer cultura, que não seja a do produtor.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Então, o que nós precisamos, e precisamos nos mobilizar de uma forma muito dura para que consigamos o Estado de Mato Grosso com uma infra-estrutura decente. Nós temos que ter ferrovias, rios navegáveis e coragem, muita coragem, para peitar ONG, meio ambiente e FUNAI.

Não podemos a partir do momento - alguém falou antes de mim - que se nós nos mobilizarmos, não vamos mais ser tachados de escravagistas. E eu digo mais: nem de escravagista, e o IBAMA e a FEMA não vão mais descer nas nossas propriedades com metralhadora dando suporte para nos fiscalizar. Eles vão descer nas nossas propriedades para nos orientar, para juntos produzirmos e preservarmos o meio ambiente.

Eu digo o seguinte: o meu filho, eu consigo convencê-lo de que o agronegócio está trazendo resultados positivos para Mato Grosso e para o nosso País, mas quem vai convencer o meu neto se não começarmos hoje a fazer o *marketing* para mudar a situação que está? Porque tem gente que está se acomodando, falando não. A sociedade não enxerga mais o agricultor como um bandido nem como escravagista. Eu não concordo com isso.

A sociedade está enxergando o agricultor como um bandido e como um depredador do meio ambiente. E está na hora de nos mobilizarmos, de nos juntarmos! Eu parablenizo pela constituição da Associação dos Produtores de Soja.

Só vou dar uma ilustrada para vocês do que aconteceu comigo há dois anos. Há dois anos atrás, eu fui à primeira reunião em Brasília, fazíamos parte da Câmara Setorial do Arroz, uma reunião para decidir a comercialização do arroz. E eu fui sozinho, como sempre, e como o Sr. Homero foi sozinho ontem, eu estava sozinho.

E a gauchada estava com cinco, seis Deputados Estaduais a tiracolo, uns três ou quatro Deputados Federais e um Senador, batendo na mesa e chutando cadeira. E o mato-grossense aqui ficou só espiando aquele movimento, com um medo desgraçado de abrir a boca.

Então, nós temos que descer do nosso pedestal. Nós temos que descer do nosso pedestal! (PALMAS). Nós temos que descer do nosso pedestal, pôr humildade na nossa fachada e juntar força, porque esse negócio de se juntar na dor, não é duradouro. Nós temos que juntar para reivindicar pensando na nossa próxima geração. É o que eu falei, quem vai convencer meu neto que eu não sou um criminoso e um escravagista?

Muito obrigado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Eu pediria ao Sr. Ângelo Maronezzi que nos encaminhasse cópia dessa carta enviada à Secretaria de Fazenda porque, ao final, se discute essas questões de legislação aqui. A proposta do Sr. Jorge Pires, por exemplo, da redução para 3%, como já é em Goiás, não é?

O SR. JORGE PIRES DE MIRANDA (FORA DO MICROFONE) - Goiás tem uma proposta nesse sentido!

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Eu gostaria que as entidades nos encaminhasse porque quando chega o projeto dos Produtores aqui, do ICMS, por exemplo, nós vamos ter agora, a partir de agora... Porque não vai ficar só nesse encontro, nós vamos ter um vasto conhecimento da situação de vocês.

Estou propondo mais uma coisa: vou começar a convocar os estudantes da área de Economia, de Administração e de outros setores para ouvirem essas palestras. Vou pedir apoio da FAMATO e dos Sindicatos para que vocês aqui da ACRIMAT façam essa palestra. Nós temos que começar a divulgar. Foi muito bem colocado aqui pelo Sr. Ângelo.

Antes de ouvirmos o Sr. Evandro e o Sr. Anísio, o Deputado Riva tem compromisso, eu vou passar rapidamente a palavra para ele.

O SR. RIVA - Meus cumprimentos ao Presidente desta Audiência Pública, Deputado Humberto Bosaipo, o qual eu quero parabenizar pela iniciativa; quero saudar o meu

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

colega Deputado Zeca D'Ávila; o Prefeito Lairto; o ex-Governador Rogério Salles; o Deputado Mauro Savi, 2º Secretário da Mesa; o Presidente da EMPAER, Aréssio Paquer; quero saudar todos os produtores aqui, em nome do Jorge Pires, Presidente da ACRIMAT; o Dr. Ângelo; e saúdo a todos.

Eu fiz algumas observações rápidas e quero saudar meus companheiros lá de Juara, o Jorge, o Edson, o Valter, Sirena, é um prazer tê-los aqui, todos amigos produtores.

E acho que é o momento de fazermos uma reflexão, porque nós temos aqui categorias muito organizadas. Eu tinha apenas anotado um item que gostaria de focalizar com vocês, pedir a participação de vocês nessa discussão porque, ouviu, Dr. Ângelo, é uma pena, mas existe uma falta de mobilização desse setor, essa que já foi uma das categorias mais unidas.

Eu estou muito preocupado porque vamos decolar, Prefeito Max, Prefeito Nininho, que aqui estão, numa discussão, Dr. Homero, sobre zoneamento. E estou até vendo o que vai acontecer se nós não fizermos uma mobilização muito ampla. Vamos ter mais ambientalistas do que produtores nessas reuniões.

Aí é preciso fazer uma reflexão sobre se as categorias estão chamando a classe política. Esses dias nós fomos numa reunião de uma categoria e tinha três Deputados, e não foi nem citado os nomes dos Deputados. Quer dizer, existe também uma falha das categorias em não chamar a classe política, porque é difícil a classe política ser chamada e não comparecer.

Vejam a que ponto chegou. O Deputado Humberto Bosaipo realizou uma Audiência Pública - era para as categorias, não estou fazendo uma crítica aos senhores, porque os senhores são os que menos merecem, e os que merecem são os que não estão aqui - para conhecer o problema.

Sei que o setor passa por dificuldade, nós sabemos, e comentava com o Deputado Zeca D'Ávila. Não poderia ser diferente, o Brasil vive instabilidade atrás de instabilidade, são planos atrás de planos. Agora mesmo nós tínhamos a esperança do juro cair, o juro voltou a crescer e sem expectativa de cair. Quer dizer, é um drama para todos nós, é um drama para o produtor que acredita, que investe, porque imaginem os senhores, que quem mexia com produção agrícola até pouco tempo atrás, estava num patamar até certo ponto tranquilo com relação aos pecuaristas. Hoje, quem faz conta, não engorda boi, não cria, não é isso, Sireno? Quem põe no papel não cria, abandona a pecuária. Infelizmente, essa é a realidade, especialmente em Mato Grosso, em outros Estados, apesar da tecnologia ter chegado, apesar dos pecuaristas terem feito a sua parte.

E o que o Jorge Pires falou foi importante, agregou muita tecnologia da porteira para dentro, mas da porteira para fora avançou pouco. Eu sou a favor do estabelecimento da pauta, não de 3%, até fiz uma proposta há poucos dias, deveria ser de 1,5%, 1,8%, porque hoje, infelizmente, a forma como o ICMS da carne é pago, o Estado faz de conta que está cobrando 3%, e não é isso, Deputado Zeca D'Ávila. Tem uma estimativa que os frigoríficos se unem e fazem rateio, os grandes perdedores são os municípios, porque ao frigorífico com rateio não interessa muito esse negócio de lançar o que vendeu, o que ele comprou e acaba maquiando a GIA e os municípios perdem, e quando o município perde, vocês perdem. Por exemplo: eu vou citar o caso de Colíder, o dono do frigorífico pagou o ICMS corretamente, mas em cima da estimativa, porém o Município de Colíder não vai receber retorno nisso, porque aparece um valor do VA bem irrisório. Todo mundo perde e o ICM não é 2% coisa nenhuma, porque com a estimativa é um valor fixado. Se fixar 1,5 e o Governo fiscalizar rigorosamente os frigoríficos, vai dar mais do que os 3% que está aí.

Então, eu sou a favor de baixar a pauta, Dr. Rogério Salles, para 1,5, 1,8 e fiscalizar. Aí me falam o seguinte: "Ah, mas tem muita corrupção". Está bom! Compensa pôr um cidadão sério, um fiscal bom na porta de cada frigorífico que ainda é lucro para o Estado.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Então, eu defendo isso, que baixe o ICMS, que as pessoas sérias vão pagar menos, porque nós chegamos num ponto que quem está na informalidade é o grande ganhador, quem se preocupou com a formalidade... Nós tivemos uma reunião do FOREMAT com o Governador, e os empresários que lá estiveram disseram o seguinte: “Olha, nós que compramos e vendemos tudo documentado, pagamos uma quantidade de ICMS, passamos a vender menos porque concorremos com os desleais que estão na informalidade e o Estado a nos pressionar para pagar mais porque acha que estamos maquiando a venda. Estamos vendendo menos porque estamos omitindo. E não estamos omitindo, estamos vendendo menos porque Goiás e Mato Grosso do Sul estão invadindo o Estado e vendendo. Vendendo na informalidade por um preço mais barato, sem poder concorrer com aqueles que estão legais”. Resultado: a receita cai, o Estado perde, a sociedade perde e os empresários sérios quebram. Porque nós temos muitos empresários para quebrar, aqui, em função disso.

Então, a minha sugestão aqui, Deputado Mauro Savi, Deputado Zeca D’Ávila, Deputado Humberto Bosaipo. Louvo a iniciativa de Vossa Excelência pela sua visão que enxergou a necessidade desse debate.

Organizem-se. Nós precisamos começar a debater esse zoneamento a partir de abril agora, no máximo! Não deixem apenas os ambientalistas tomar conta dessas reuniões. Aqui existe uma unanimidade em defesa da classe produtora, na Assembléia Legislativa - uma quase unanimidade. Mas, não adianta essa unanimidade estar rodeada de ambientalistas e os produtores se ausentarem dessas reuniões. São vários seminários pelo Estado. Venham participar.

Enfim, temos uma infinidade de assuntos que as pessoas aqui expuseram. Não imaginem os senhores que os Deputados que estão ausentes não tomam conhecimento dessa audiência pública. Essa audiência pública está sendo gravada e transmitida ao vivo pela TV Assembléia, que já atinge aproximadamente quarenta mil pessoas. E será repassada a todos os Srs. Deputados. Estes terão acesso a tudo que aqui foi tratado. Eu acho que é uma iniciativa louvável. Inicia-se aqui um novo ciclo. Eu faço parte das palavras do Ângelo as minhas também.

É necessário que haja mais unidade, que a classe política participe mais. E aí eu não tenho dúvida de que essa categoria unida será muito forte. É preciso estar unida como esteve em outros momentos.

Nós temos categorias menores aqui, mas você realiza audiências públicas aqui e “vasa pelo ladrão” de gente. Vou citar um exemplo, para vocês: convoca discussão de política salarial da PM. A Polícia Militar tem um contingente só de cinco mil homens. Isso aqui lota, não cabe dentro da Assembléia Legislativa...

Quantos mil produtores nós temos no Estado? Então, é preciso realmente participar. E sobrecarrega vocês que participam. Então, é preciso que vocês levem até os companheiros de vocês essa preocupação da Assembléia Legislativa. E vocês não tenham dúvidas de que a Assembléia é parceira dos produtores. Tanto é que o zoneamento que aqui está, nós entendemos que ele precisa praticamente de um Substitutivo Integral. E porque a Assembléia Legislativa está atrasando? Não é porque está omitindo discussão, não. O Estado está revendo algumas situações dentro do zoneamento, para iniciar uma realidade mais próxima da realidade possível. Não tenham dúvidas, os senhores, porque aqui ninguém tem medo de enfrentar essa discussão. A questão das hidrovias, por exemplo, quem assistiu a reportagem no Jornal...

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Eu quero convidar o Senador Jonas Pinheiro para fazer parte da Mesa.

O SR. RIVA - Senador Jonas Pinheiro pode adentrar. Cumprimento o Senador Jonas Pinheiro que é uma bandeira em defesa da classe produtora.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Não sei se vocês assistiram uma reportagem onde falava do custo do transporte e da qualidade do meio de transporte em cada país. O Brasil está na pior categoria. É o custo mais elevado. Nós não temos hidrovia, porque não enfrentamos a discussão com as ONGs. Pelo contrário, enfiamos o rabo entre as pernas e deixamos elas serem vitoriosas em todas as discussões. Todo mundo tem medo de Ministério Público federal e de ONG aqui. É preciso perder esse medo. Enquanto não se perder e enfrentar essa discussão, não vamos ter hidrovia. E todos sabem que rodovia, no Estado de Mato Grosso, em qualquer Estado, é complicado. Não é somente o custo que é caro. Nós temos um frigorífico em Juara, com capacidade de abate de mil cabeças, que está parado. Não pode abater, porque não tem condições de transportar. Então, é tudo isso.

A situação dos frigoríficos do Deputado Zeca D'Ávila... Eu quero abrir um parêntese e dizer a todos os senhores que tem aqui um defensor intransigente, determinado e corajoso, que nunca se acovardou nessa discussão, que é o Deputado Zeca D'Ávila. O Deputado Zeca D'Ávila, a toda hora em que é tratada a questão da classe produtora, levanta a sua voz. Muitas vezes contra a intransigência - e eu não vou criticar o PT - do próprio PT. Porque quem não conhece os discursos, quem gravou alguns discursos de dez anos para cá sabe do que eu estou falando. Como as coisas mudam! Então, os senhores podem ter fé nesse batalhador. E nós estamos aqui para somar com os senhores.

Obrigado, Sr. Presidente. Eu quero pedir desculpas.

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Antes de Vossa Excelência se ausentar, como Vossa Excelência é o 1º Secretário da Casa e membro deste Poder, poderia solicitar que a nossa TV Assembléia, canal 36, amanhã, transmitisse o Fórum Permanente da Pecuária de Corte, no Parque de Exposição, porque esse será um documentário que servirá para os próximos encontros.

O SR. RIVA - Eu solicito ao Diretor da TV Assembléia, Wanderlei, que tome as providências.

Inclusive, queremos nos colocar à disposição, quando for necessário algum acompanhamento e alguma divulgação na mídia, Sr. Jorge Pires, Presidentes de Associações e produtores. Esta Casa está à disposição.

Então, eu quero agradecer e pedir desculpas, mas eu vou me ausentar, porque tenho uma reunião na parte administrativa, às 17:00.

Mas eu agradeço, Deputado Humberto Bosaipo, e louvo a sua iniciativa, que enxergou a necessidade deste debate. Muito obrigado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Vamos ouvir agora o Sr. Evandro Ricardo Silveira, Presidente da APROSMAT.

O SR. EVANDRO RICARDO SILVEIRA - Boa-tarde a todos!

Eu quero cumprimentar o Deputado Humberto Bosaipo pela iniciativa deste evento. Evento este que está sendo aqui representado por, praticamente, todo o agronegócio mato-grossense. Em seu nome, cumprimento os demais Deputados aqui presentes.

Gostaria de cumprimentar o Senador Jonas Pinheiro, nosso pai da agricultura aqui, em nome de todos os agricultores. Gostaria de agradecer a presença de todos aqui.

A APROSMAT é um órgão que representa a atividade sementeira de Mato Grosso. Os nossos associados, basicamente, estão na região sul de Mato Grosso.

Em novembro do ano passado, a FAMATO iniciou um processo de conscientização dos altos custos que a agricultura mato-grossense iria sofrer nessa safra, em função do aumento dos insumos, especificamente adubo, que foi em torno de 40%, e também a ferrugem, por ser a praga sobre o Centro-Oeste.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Nós vemos que, hoje, o Rio Grande do Sul, começou o movimento de reconhecimento de seu problema pela seca. Nós, aqui em Mato Grosso, temos que manifestar que o nosso problema da ferrugem é desse ano, vai ser do próximo ano e do outro, até que nós tenhamos variedades resistentes para que se diminua a utilização de fungicidas para o combate dessa doença que tantos prejuízos trazem.

Bom, eu gostaria aqui de destacar o sul do Estado, que é onde os nossos associados, praticamente, estão localizados. A região sementeira fica nos municípios que foram atingidos por uma seca muito grande e estão numa dificuldade muito semelhante à do Rio Grande do Sul, porque aqui, além da seca, nós tivemos o combate da ferrugem.

Nós temos inúmeros casos relatados de produtividade abaixo de vinte sacas. Casos de que não vão ser colhidas centenas de hectares de lavouras, onde não vale a pena gastar o diesel para colher.

Então, a nossa situação, no sul do Estado, é diferenciada. Nós entendemos que os custos dos demais municípios agrícolas de Mato Grosso continuam elevados também, mas nós temos um diferencial que está nos trazendo um prejuízo ainda maior que no resto do Estado.

Nesses municípios, nós conversamos com os prefeitos, e a maioria está aqui presente, eu gostaria de agradecer e eu vou nominar os municípios que estão com esse problema, porque é importante e depois eu vou ler um trecho da Resolução nº 3.269, que dispõe sobre a concessão de prazos na forma de manual de crédito rural.

Então, os municípios que estão aqui representados pelos prefeitos são: Alto Garças, Alto Taquari, Tesouro, Guiratinga, Pedra Preta, Itiquira, Rondonópolis e Jaciara.

E também, chegando aqui, em contato com o Naidés, Presidente do Sindicato de Primavera, ele relatou que também uma região de Primavera do Leste também tem casos graves de seca com uma colheita muito inferior ao que se esperava.

Eu gostaria de sugerir que se fosse formada uma comissão de Deputados, que tivesse um Deputado de cada partido, ou a forma como fazer ficaria, logicamente...
(O DEPUTADO HUMBERTO BOSAÍPO FALA FORA DO MICROFONE - INAUDÍVEL.)

O SR. EVANDRO RICARDO R. DA SILVA SILVEIRA - Ótimo.

... e que o Homero Pereira pudesse ter um contato estreito com essa comissão, para que pudéssemos andar os assuntos juntamente com o Legislativo.

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAÍPO) - Nós temos a Comissão de Agricultura e a de Terra na Casa.

O SR. EVANDRO RICARDO R. DA SILVA SILVEIRA - Ótimo.

Então, eu gostaria que esses municípios que eu citei, juntamente com essa Comissão, pudessem ver de que maneira podemos enquadrar esses municípios no que diz respeito ao inciso II do art. 2º da Resolução nº 3.269, que concede um prazo para os municípios, cujos mutuários tenham propriedade que estejam situadas em regiões afetadas pela seca em grau de gravidade reconhecida e como situação de calamidade ou emergência por parte do Governo Federal.

Isso eu peço até ao Anísio, do Banco do Brasil, e também a compreensão porque a região, da qual você é o Superintendente Regional, vai estar batendo à porta, talvez com mais frequência do que outras regiões.

Eu quero destacar aqui que o que se aplacou sobre a agricultura com esses altos elevados índices de correção dos insumos está já atingindo as indústrias.

Ontem, foi o lançamento da AGRISHOW Cerrado e tive contato com representante da Jumil, da Jacto, e eles falam que já houve demissão de cento e cinquenta, trezentas pessoas. Relataram que lá no sul, na Semeato, mais de duzentas pessoas, na Jan, na Stara, mais de trezentas pessoas. E, hoje, saiu uma reportagem na hora do almoço, um protesto dos operários da

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

John Deere, em Horizontina, solicitando medidas de apoio ao agronegócio, porque isso já está refletindo na condição de manutenção de seus empregos. Essa já é uma segunda onda. Está atingindo os fornecedores. O agronegócio envolve muito mais do que plantar e colher.

Gostaria ainda de ressaltar a prioridade da semente. A semente carrega consigo anos de pesquisa. E o produtor de semente multiplica essa pesquisa e entrega aos agricultores. Por isso a importância de um reconhecimento dessa classe para que continue o Estado de Mato Grosso sempre com boas perspectivas de produtividade - caso São Pedro ajude -, em função do uso da tecnologia e de sementes que aqui no Estado sempre foi um alto índice. Mas em função do atraso, da promulgação da lei de sementes, começou a haver um contrabando de sementes sem acompanhamento, sem saber se ela está trazendo consigo mais algumas doenças que vêm atrapalhar a produtividade.

Só gostaria, finalizando, de ressaltar que na região sul a soja é altamente prejudicada. O algodão está sendo avaliado porque o círculo dele é mais longo, mas certamente de alguma forma também vai ter problema de produtividade.

Agradeço mais uma vez a oportunidade e parabênzo a iniciativa.

A todos aqui presentes, aos prefeitos, que nos acompanharam da região sul, o meu muito obrigado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPPO) - Quero informar que o nosso Diretor de Televisão, o Sr. Wanderlei, já entrou em contato com o Canal do Boi, que tem exclusividade na transmissão do evento Fórum Nacional Permanente de Pecuária de Corte, e vai transmitir juntamente com o Canal do Boi.

Com a palavra, o Sr. Anísio Carossini, Superintendente Regional do Banco do Brasil de Rondonópolis.

O SR. ANÍSIO CAROSSINI - Deputado Humberto Bosaipo, a quem agradecemos por esse convite, Srs. Deputados, autoridades aqui presentes, senhoras e senhores, em primeiro lugar, eu queria aqui justificar a ausência do nosso diretor da área agropecuária, o Diretor de Crédito Rural, Dercy Alcântara, juntamente com o nosso Superintendente Estadual, Dan Conrado, que estão presentes hoje num fórum em Manaus.

Eu gostaria aqui de mostrar para vocês alguns números e depois falar um pouco sobre a questão do alongamento. O Banco do Brasil, no ano passado, emprestou para o setor agropecuário 3,2 bilhões de reais na área de custeio, volume 60% superior ao que ele emprestou na safra de 2003/2004. E, 800 bilhões em volume de CPRs comercializados, que representaram praticamente oito vezes mais o que foi emprestado em volume de 2003/2004. Foram 467 bilhões de reais de investimentos, isso com recursos do BNDS e também do FCO. Isso porque nós tivemos uma escassez de recurso durante todo o período de 2004 e somente no final de dezembro...

O SR. ZECA D'ÁVILA (FORA DO MICROFONE) - É da pecuária ou da agricultura?

O SR. ANÍSIO CAROSSINI - Na pecuária, o volume foi muito pequeno. Na pecuária, foram 367 milhões de reais. Praticamente de quase 4,5 bilhões, apenas 367 milhões na pecuária. É um volume muito pequeno, realmente, investido ainda na pecuária.

E, aqui vale uma ressalva, que a pecuária possui linhas de financiamento, principalmente, hoje, com recurso do BNDS e também com o recurso de FCO. Com o investimento que o Governo fez no ano passado, com recurso do FAT, hoje temos recurso suficiente para alavancar não só a agricultura, mas também um pouco da pecuária.

Alguns fatos relevantes aconteceram no ano passado, que o Banco do Brasil conseguiu fazer essa alavancagem de recursos. Três fatos relevantes o Banco do Brasil realizou. Foi lançado no início do ano passado, em março, o ACC para pessoa física. Todo produtor,

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

especificamente de algodão, que tenha uma exportação direta, ele pode conseguir fazer uma antecipação dos contratos de câmbio com recursos em dólar.

Inicialmente, o banco fez somente para os produtores de algodão. Posteriormente, ele realizou um convênio com a FAMATO e começou a divulgar isso para que os produtores de soja também pudessem beneficiar desses recursos. Esses recursos, só para vocês sentirem essa diferença da taxa, os recursos do Tesouro Nacional a taxa de juros é 8,75 e os recursos externos nós conseguimos fazer esse empréstimo na taxa de 6,5, podendo chegar a 7,5, ou seja, o produtor rural acaba ganhando. Lógico que tem a variação cambial em cima, mas como ele faz a sua exportação, então ele está praticamente rediado. Então, dá para fazer aí redução da taxa de juros para o produtor rural. Esse ACC, nós comercializamos cerca de cento e cinquenta milhões.

Outro fato relevante foi praticamente o financiamento de importação de insumos, da qual os produtores rurais puderam fazer essa importação de insumos diretamente através de algumas parceiras, especificamente algumas cooperativas e volume de recursos também em cerca de setenta milhões, com uma taxa de juros variando de 5 a 7,5, também com recursos externos.

Outro fato relevante foi na área de infra-estrutura. O Banco do Brasil, juntamente com o Governo do Estado e outros órgãos, fizeram uma pareceria e criou uma CPR Estrada, oportunidade em que os produtores rurais, através dos consórcios, poderiam estar financiando essa estrada, a infra-estrutura por um prazo de três anos.

Eu acho que a taxa de juros não é uma taxa de 8,75, ainda é uma taxa cara, mas conseguimos viabilizar cerca de vinte milhões investidos nesses setores. Três fatos relevantes no ano de 2004.

Na pecuária, como eu disse, foram apenas trezentos e cinquenta milhões de reais investidos. Mas o Banco do Brasil lançou agora, este ano, praticamente na semana passada, a CPR Remate, ou seja, o pecuarista pode fazer aquisição de gado hoje através dos leilões e nós teríamos o financiamento através de CPR com uma taxa de juros em torno de 18% a 19% ao ano, com prazo de até um ano. Alguma coisa já também para a pecuária que nós estamos tentando viabilizar. Alguns convênios foram firmados com alguns frigoríficos, especificamente a FRIBOI e o BERTIN, onde o pecuarista pode fazer a sua venda diretamente para o frigorífico a termo, negociar o preço da arroba do boi e o Banco do Brasil antecipa esses recursos para ele. É uma forma de amenizar um pouquinho mais a situação que se encontra hoje.

A questão da inadimplência praticamente é zero, é muito próximo a zero. Hoje, no setor agropecuário, tanto na pecuária quanto na agricultura, esse volume fica em 0,22%, resultados praticamente que nós temos fechado agora em 28 de fevereiro. É um volume muito pequeno de inadimplência, O produtor rural hoje está passando por essa situação, mas não é caloteiro e ele tem realmente pago as suas obrigações em dia. A exemplo disso, por ocasião do alongamento do algodão, que nós tivemos aí praticamente no dia 15 de fevereiro, a grande maioria dos produtores pagaram seus compromissos até antes de ter saído a medida do alongamento. Então, parabéns a eles e isso realmente é uma medida bastante louvável.

Se nós colocarmos que este ano teremos que ter um retorno, os produtores rurais teriam que pagar hoje cerca de quinhentos milhões de reais, seria um retorno das parcelas de investimentos que teria que ser desembolsado. E, se considerarmos também que no volume de FCO, o que se espera de retorno é cerca de mais ou menos quatrocentos e trinta milhões, o desembolso seria na ordem de um bilhão de reais. Se nós considerarmos também que os volumes de recursos aplicados para custeio de curto prazo que ainda não estão alongados, esse volume vai chegar aí próximo a três bilhões de reais. Ou seja, o produtor rural com *déficit*, como o Rogério Salles nos mostrou ali, dificilmente teria a capacidade de realmente estar honrando esses compromissos.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

O que o Banco do Brasil fez até o momento para verificar a situação? O ano passado nós criamos o rali da safra junto com outras empresas parceiras e visitamos praticamente todo o Brasil para saber qual é a situação da agricultura no País. Este ano começamos praticamente no mês de janeiro, percorremos a grande maioria dos Estados na nossa região, passamos por Rondonópolis, passamos aqui por Cuiabá, foi realmente para o Norte, estamos fazendo agora a região Campo Verde, Primavera do Leste, vamos também para Água Boa, Vila Rica, e o que eles estão nos trazendo é exatamente isso que foi passado aqui, a situação de dificuldades que a classe está apresentando. Alguns municípios estão realmente com uma situação difícil em função da seca, outros realmente têm uma produtividade um pouquinho melhor, mas está muito abaixo daquela média que verificamos.

Então, nós temos isso mapeado, o Banco do Brasil já se preparou para que isso acontecesse. O que está acontecendo hoje, a norma que saiu ontem, os anúncios que foram efetuados em Rio Verde pelo Governo Federal, essas medidas não chegaram ainda e nem ainda está pronta para acontecer. Nós estamos nos preparando para que viabilize esses alongamentos. Acontece que a medida que saiu ontem, inclusive, traz no texto uma série de dificuldades para que isso ocorra.

Primeiro, ela está ali citando o seguinte: alguns municípios que estão em calamidade pública reconhecida pelo Governo Federal. Esse ele pode alongar até pelo final do prazo. Mas ele coloca umas entrelinhas no item II, de que a análise será efetuada caso a caso dentro da capacidade de pagamento do produtor, a não ser os casos em que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e a Fazenda julgar que sejam diferentes.

Então, há muito o que fazer, ainda. Quer dizer, o Banco do Brasil, não há ainda como hoje fazer uma renegociação, um alongamento se realmente a norma continuar dessa forma. Aí realmente vai inviabilizar praticamente essa renegociação com os produtores. Então, é preocupante para nós do Banco do Brasil, porque gostaríamos que isso se resolvesse o mais rápido possível.

A norma que saiu ontem, ela realmente não está justa para o que está acontecendo não só no Estado de Mato Grosso como nos outros Estados. Já no Rio Grande do Sul a norma já ficou clara, eles realmente vão ter a prorrogação. No item I, praticamente, estabelece a prorrogação para aqueles Estados.

Já para nós, aqui, a norma ainda deixa muito a desejar e está praticamente colocando para o Ministério da Agricultura, juntamente com a Fazenda, definir esses casos. Então, o próprio Dr. Homero deve estar ciente disso, o Rogério também.

Então, eu gostaria que vocês produtores ficassem atentos a isso aí. Quanto a prazos, já foi estabelecido. A norma que saiu ontem, do Conselho Monetário, estabeleceu: vocês devem fazer o pedido até 15 de abril para as dívidas já vencidas ou que vencem até praticamente 30 de abril; e as demais dívidas, vocês podem trazer os seus pedidos praticamente durante o mês maio.

Mas é importante colocarmos isso, de que a norma não deixa bem clara a forma como devemos estar fazendo essa negociação, principalmente onde diz aqui: “As prorrogações devem ser autorizadas apenas nos casos de comprovada incapacidade de pagamento, mediante caso a caso, segundo critérios a serem fixados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Fazenda, nos termos do art. 4º, observados as demais limitações de regulamentação aplicada”. Ou seja, foi autorizada, mas aguardamos a regulamentação. Então, nós ficamos em uma situação difícil porque não podemos dar continuidade a esses alongamentos. A outra forma que foi colocada, conforme os anúncios, dizia quanto à comercialização da safra, inicialmente setecentos milhões, depois quinhentos milhões. Ou seja, esses recursos viriam do FAT, mas, infelizmente, os recursos do FAT não podem ser colocados para custeio da safra, somente para investimentos. Então, é preciso ver o que pode se remanejar em termos de orçamento para que isso possa acontecer.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Enfim, nós, do Banco do Brasil, queremos colocar isso. Nós estamos prontos. O Rogério citou a preocupação com a questão do prazo. O Banco do Brasil coloca o seguinte: no momento em que a norma estiver clara para todos, o Banco do Brasil inicia o seu processo imediatamente. Ele já está preparado. Nós já temos autorização, inclusive, para contratar uma mão-de-obra temporária para que isso possa acontecer. Os nossos técnicos estão hoje fazendo uma visita àquelas regiões onde nós temos uma situação mais difícil. E nos colocamos sempre à disposição, Deputado.

Eu gostaria de deixar bem claro que o Banco do Brasil é o Banco que, realmente, está ao lado do produtor, seja em um momento difícil como esse, seja naqueles bons momentos. Obrigado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Nós agradecemos.

Vamos ouvir o Sr. Gilberto Goellner, suplente de Senador.

Depois eu vou liberar o Senador Jonas Pinheiro e o Deputado Zeca D'Ávila, porque eles têm uma reunião no PFL.

O SR. GILBERTO GOELLNER - Boa-tarde, senhores e senhoras!

Sr. Presidente, desta Sessão, Deputado Estadual Humberto Bosaipo; Deputados que compõem a Mesa; Sr. Presidente da FAMATO; Prefeitos aqui presentes; e em especial o nosso grande convidado do dia, que, ao nosso convite, se fez presente, fez um esforço pessoal, Senador Jonas Pinheiro. A sua presença é muito importante e nós gostaríamos de lhe ouvir, porque o senhor deve estar trazendo novidades a este plenário aflito para saber o que o Governo pode fazer para contemporizar um pouco a situação vivida pela agricultura e também pela pecuária do Estado de Mato Grosso.

Eu gostaria de destacar aqui três pontos essenciais.

Primeiro, com relação à medida que o Conselho Monetário ontem aprovou, que foi acompanhada de perto pelo Presidente da FAMATO, Sr. Homero Pereira, pelo Senador Jonas Pinheiro e pela sua equipe. Foi uma forma paliativa de atender apenas uma reivindicação da classe. Daquela carta de Rio Verde, apenas uma foi contemplada.

Ainda estamos esperando todas aquelas medidas de recursos para a comercialização e, infelizmente, conseguimos caracterizar a grande decepção que deve ter sofrido o nosso Ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, porque ele, naquela ocasião, afirmou categoricamente que estaria contemplada a prorrogação de todos os investimentos de FINAME agrícola, de todos esses grandes investimentos que foram feito na agricultura brasileira, na mecanização, na correção do solo, nos FCOs, de todos esses investimentos que houve no Centro-Oeste e em todo o Brasil, para aumentar, para se produzir mais alimentos aqui no País. E ele não conseguiu êxito completo nessa sua reivindicação.

Fomos nós surpreendidos de que estaríamos hoje, teríamos que estar decretando estado de calamidade ou estado de emergência nos municípios atingidos aqui no Estado.

Vejam bem! Nós temos duas relações. Nós temos uma relação de alto custo dessa agricultura, dessa pecuária. Estamos com altos custos e hoje, analisando, preocupa-nos o futuro dessa agricultura, o futuro da sustentabilidade do nosso negócio. É isso o que está nos preocupando.

Recentemente, na semana passada eu estive no 16º Fórum Nacional da Soja, ocorrido no Rio Grande do Sul, como palestrante. Eu apresentei ali a visão do Centro-Oeste, da agricultura do Centro-Oeste, a situação e o cenário da agricultura do Centro-Oeste.

A conclusão a que chegamos lá, a que os componentes do plenário chegaram foi a de que o Centro-Oeste do Brasil está em pior situação do que o Sul. Essa situação pontual dessa seca em nada vai inviabilizar o futuro da agricultura do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Mas aqui, sim, nós estamos em via de inviabilidade, porque nós estamos há dois mil

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

quilômetros de portos, mil e quinhentos quilômetros em média; pagamos duzentos reais de frete, nos custa cinco, sete dólares por saca desse frete até o porto. Eles têm um custo de produção em função disso e também em função do baixo uso de fertilizantes; eles têm solos férteis; e também pela não necessidade de uso e correção, no caso da soja, de tratamento a ferrugem, eles têm só uma aplicação, enquanto nós temos três ou quatro. Eles têm um diferencial de custo muito elevado.

Hoje, lá no Rio Grande do Sul com vinte e sete sacas de soja por hectare o agricultor paga o seu custo de produção total. É o ponto de equilíbrio. O nosso ainda está aqui, hoje, em cinqüenta sacas de soja, uma média de dez dólares, de vinte e sete a vinte e oito reais. É como anda a soja, em média, em Mato Grosso. E não são trinta, nem trinta e dois, nem trinta e três; a média é nove, dez dólares, porque depois que o agricultor entrega a sua soja num *trading* já não tem o preço disponível. Ele tem o preço de balcão e todos os descontos... E todo mundo conhece. Quem é produtor conhece. Na hora em que ele for comercializar já não tem aquele preço diário de exportação, já vem com desconto, porque ele não tem armazém.

Então, esse ponto é essencial para continuarmos discutindo. Parabenizo a Assembléia Legislativa, o Deputado Humberto Bosaipo, pela iniciativa de abrir aqui o início de uma conversação. Nós temos ainda muito a fazer. E quem sabe muito a cooperar tanto o Legislativo, quanto o Executivo, o Governo do Estado para baixarmos o custo de produção aqui no Estado.

Outro ponto que gostaria de destacar seria que poderíamos com essa união, com essa convocação, que foi feita com os prefeitos da região Sul, realmente caracterizar esses bolsões de secas que houve em alguns municípios.

Os municípios, hoje, dessa região sul, possivelmente com exceção de Rondonópolis, todos vivem exclusivamente da agricultura e da pecuária. A seca está prejudicando sobremaneira os produtores lá, que perderam 70% da produção. Esta, possivelmente, é uma situação semelhante à do Rio Grande do Sul. E com esse decreto, legislação, resolução de ontem do Conselho Monetário Nacional, contemplando os municípios em calamidade pública ou estado de emergência, poderíamos nos inserir e facilitar, então, pelo menos, os investimentos, a prorrogação maior desses investimentos.

Outro ponto, para finalizar, que eu gostaria de destacar, foi o que ocorreu, ontem aqui no Estado que foi o lançamento da AGRISHOW. Poderá parecer a todos uma incoerência, Srs. Deputados: se Vossas Excelências chegarem de ir a Rondonópolis agora em abril, e ao chegar lá verem aquela fatura de máquinas, aquele aparato grande de equipamentos à disposição de vendas.

Mas, vejam só, como foi importante repetir esse evento. Eu vejo que ele é importante, porque ele vai ser o termômetro da real situação por que passa a agricultura de Mato Grosso. Vocês vão ter oportunidade de ver que não vai sair negócios, o produtor não está animado em investir em mecanização, porque não tem recursos, porque não são os bancos, os bancos financiam uma parte, outra parte o produtor compra. Ele tem medo do seu futuro, ele tem medo de investir, ele tem medo de participar de custos, de fazer novas despesas. Agora, há quem precisa e necessita realmente da AGRISHOW. Esse é o motivo por que Rondonópolis a sedia, assim como Rio Verde sediou a COMIGO, assim como Não-me-Toque, a EXPODIRETO, também em São Paulo, na Bahia, no Centro de Convenções Luiz Eduardo, as grandes interessadas são as indústrias de máquinas e equipamentos. E diga-se de passagem, se elas não tiverem resultado financeiro e conseguirem vender, o que está sendo demitido, hoje, de pessoas, de suas indústrias, nós vamos ter uma situação muito pior daqui para frente. Olhem só a média é de 40% a 50% de redução da produção deles. E isso não vai ser momentâneo. Eles já estão prevendo, pela situação que o Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina estão passando, pela situação do Centro-Oeste, que isso aí vai se perpetuar.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Então, vai haver uma redução na produção desses bens. Essas empresas, é uma questão de vida ou morte, elas precisavam que sediássemos a AGRISHOW, que já estava organizada. Então, lá vai ser o verdadeiro momento de se repensar. Eles vão nos auxiliar, inclusive, a nos defender perante o Governo Federal, para que possamos obter o fôlego para continuar produzindo, porque eles sabem que dependem de nós, eles precisam e querem produzir, têm responsabilidade, têm investimentos feitos, têm responsabilidade com seus empregos e eles estão numa situação também diretamente ligada a essa má situação por que passa a agricultura nacional.

Então, destacando esses três pontos, eu vejo que nós podemos avaliar dessa forma esse encontro, que nós estamos num desvio. Nós tivemos esses altos custos, agora nos preocupa. Nós vamos continuar com esses altos custos? Vai ser viável continuar produzindo? Porque hoje, como já foi dito aqui, a bolsa de Chicago está sinalizando um preço razoável. Será que no ano que vem, caindo esse preço, ou caindo o dólar, como falam que vai cair, que poderá cair, não se sabe qual é a relação que vai dar no câmbio, será que nós vamos conseguir, no ano que vem, não estar numa situação muito pior que improduzir? Qual é o futuro do Estado de Mato Grosso já que toda economia dele está alicerçada na agropecuária? Essa é a nossa maior preocupação.

Muito obrigado, senhores, nossos companheiros produtores que estão aqui; os prefeitos que vieram nos auxiliar; o Legislativo que muito nos satisfaz hoje por ter nos recebido, ter começado a discutir agricultura neste Estado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Vamos ouvir o Senador Jonas Pinheiro.

Nós temos ainda inscritos o Presidente da ASFAX e os Sindicatos de Primavera e Sorriso.

O SR. JONAS PINHEIRO - Sr. Presidente, Deputado Humberto Bosaipo, companheiro Deputado Zeca D'Ávila, Sr. Prefeito de Alto Taquari, Dr. Homero, Presidente da FAMATO, Rogério Salles, Presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso, meus companheiros prefeitos e produtores:

De fato, o Gilberto tinha razão, ele me convocou para estar hoje, por algum momento, nesta reunião, uma vez que nós estávamos em Brasília envolvidos em outros assuntos, mas eu fiz questão de estar presente porque não é comum a Assembléia Legislativa tomar essa atitude, numa Audiência Pública, ouvir os produtores e, com certeza, com a intenção de ombrear com a classe produtora do Estado de Mato Grosso a encontrar solução ainda mal solucionada que nós temos até neste instante.

O movimento começou no dia 09 de novembro, em Cuiabá, através da FAMATO. Esse movimento cresceu, culminou e todos já sabiam que o resultado dessa safra poderia chegar a esse ponto, em função dos fatores negativos que nós estamos vivendo: dólar baixo, custo de produção elevado, juros altos. Problema climático não contável naquela época, mas veio a crescer a esses fatores negativos da produção, evidentemente culminamos aí com a renda baixa do produtor, o produtor praticamente sem renda. E a solução que nós víamos naquele momento era fazer o que já fizemos.

Meus amigos, apesar da crise, eu não estou pessimista. O difícil foi em 1994 convencer o Governo para fazermos os alongamentos da dívida, porque naquele tempo os produtores eram caloteiros. Hoje, os produtores hoje salvam esta Nação. Isso, hoje, está no reconhecimento de todos os brasileiros. Às vezes há teimosias a respeito disso.

Ontem, na primeira Audiência da Comissão de Agricultura do Senado Federal, com a presença de Roberto Rodrigues, por três horas, nós debatemos esse assunto e o Homero Pereira estava lá. E o Roberto, apesar dos pesares, apesar de estar num Governo que não tem muita ligação com grandes produtores, com o comércio produtor, Roberto Rodrigues é um homem que de

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

vez em quando está zangado e nós vamos ao Roberto Rodrigues. Roberto, se com você está mal, imagina sem você!

Roberto é o homem que nós precisamos apoiar. E naquela reunião de Rio Verde, conversamos muito. Nós viemos para Goiânia no dia anterior, ele recebeu o Título de Cidadão de Goiás, e no outro dia cedo deslocamos para Rio Verde. E nós viemos treinando o que ele poderia falar para aquela multidão de produtores que estava ávida por uma boa notícia. E, de um modo em geral, o que ele anunciou foram decisões que agradaram a classe produtora. Mas nós estamos ainda diante de problemas sérios.

Antes de ontem eu saí com o nosso companheiro Ricardo Conceição, de Brasília fomos a Campo Grande, de Campo Grande voltamos para Brasília no mesmo dia, durante a noite, e o assunto com o Ricardo Conceição também era esse: o que fazer se o Governo, através do Ministro, já tomou uma decisão. O Ministro foi o porta-voz do Governo.

E hoje o Governo não atende naquilo que o Ministro está querendo, naquilo que o Ministro está querendo que atenda. Nada mais justo, portanto, Presidente desta reunião, do que apoiar o trabalho de Roberto Rodrigues. Eu repito: se com ele não está bem, sem ele será muito pior.

A decisão, naquela oportunidade, foi de que tinha três bilhões de reais para comercialização e que realmente ia tirar quinhentos milhões do FCO - dinheiro do FAT que está no FCO -, e no orçamento tinha já alguma coisa. Mas o Governo Lula garante que os produtores não ficarão prejudicados em função de falta de recurso para a comercialização.

Ontem, nesse encontro em Brasília, na Comissão da Agricultura, o Ministro voltou a pedir o apoio do Congresso Nacional para arrumar os dois bilhões de reais que estão faltando para comercialização. E está, segundo ele, no Congresso Nacional, o respaldo que ele precisa. Nós já sabíamos disso! Desde o dia 09 de novembro, quando saímos por aí perambulando pelos municípios mato-grossenses a procura de apoio para criação da Associação dos Produtores de Soja, levávamos cópia de uma Emenda de minha autoria, ao Orçamento da União, originado da Comissão de Assuntos Econômicos, aprovado por todos os Senadores, de que iríamos precisar de dois bilhões de reais, e essa Emenda não foi aprovada porque o Governo avocou para si as condições de arrumar recurso para a comercialização.

Ontem nós ficamos sabendo de forma clara que esse dinheiro não está ainda à disposição. Há pouco dinheiro à disposição. O Ministério da Agricultura, hoje, na área de comercialização, está com estoque zero de recurso. Zero!

Eu estou com um *fax* que me chegou em mãos, sobre o FCO. E aqui, Sr. Superintendente do Banco do Brasil, ele estabelece que o CONDEL liberou os quinhentos milhões para serem aplicados em comercialização. E, também, esta resolução recomenda a prorrogação das dívidas do FCO. Mas, novamente, caímos aqui em uma divergência. Por quê? Porque os Fundos constitucionais estariam com o seu alongamento automático, tendo em vista que não custa nada ao Tesouro Nacional. Esse não é recurso equalizável. Portanto, o Tesouro não gasta, já que é dinheiro do Fundo e é bancado pelo próprio Fundo a prorrogação do FCO, como de outros Fundos, como FNO e FNE. E aqui, mais uma vez, está dizendo que o problema também é caso a caso. Este é um problema que eu considero que temos que trabalhar em cima dele.

Quanto à Resolução nº 3.269, ainda ontem, às 22:00 horas, o Ministro e eu saímos de uma reunião no CNA, onde estávamos dando posse à nova diretoria da Sociedade Brasileira de Medicina Veterinária. E o Ministro chegou atrasado porque estava tratando dessa Resolução e o Ministro saiu adiantado porque ia continuar tratando desta Resolução.

Nós estamos vendo aqui que as resoluções, tanto aquela do CONDEL quanto essa do Banco Central, não vêm com a verdade toda que queremos e que esperamos.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Por isso, Gilberto, nós estamos aqui para continuarmos a luta. Vocês nos deram uma surpresa desagradável, porque entendíamos que em Mato Grosso podia ter algum rabo de seca, mas não que fosse generalizado na área Sul do Estado de Mato Grosso. E nós estamos vendo aqui, pela presença dos prefeitos, de que há o problema generalizado numa região no Estado de Mato Grosso. Ontem eu discuti isso com o Ministro da Agricultura, hoje foi assunto de um pronunciamento meu na tribuna do Senado Federal, e a minha presença aqui é apenas para consolidar isso.

Conte conosco, vamos à luta, o caminho nós abrimos, mas é preciso que todos vocês produtores, prefeitos da região afetada, Deputados Estaduais, entidades, façam as suas partes.

O meu gabinete vai ficar à inteira disposição para que haja um movimento mato-grossense neste caso.

Se no Sul já está resolvido, porque lá as medidas foram abrangentes, para nós as medidas estão ainda muito precárias. Como disse o Superintendente do Banco do Brasil, caso a caso é um problema grave, e problema grave é o que nós vamos enfrentar.

É evidente que o Governo se preocupa em generalizar esses alongamentos de dívidas, mas eu entendo que o Banco Central, bem como Conselho Monetário Nacional, tem que entender que o caso a caso não vem resolver o nosso caso, e o nosso caso nós temos que resolver com o nosso trabalho.

Portanto, em nome da Bancada Federal de Mato Grosso, Deputados e Senadores, queremos nos solidarizar com os seus problemas, que o problema também é nosso. Muito obrigado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Vamos ouvir o Deputado Zeca D'Ávila.

O SR. ZECA D'ÁVILA - Companheiro que preside esta Sessão e que a convocou, Deputado Humberto Bosaipo, Senador Jonas Pinheiro; Sr. Homero Pereira, Presidente da FAMATO; cumprimento os Prefeitos na pessoa do Sr. Lairton; Sr. Rogério, Presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso; Sr. Mohamed, Presidente da Câmara Municipal de Rondonópolis; o Sr. Aréssio; o Sr. Jorge Pires, enfim todos os que estão aqui.

Eu fui anotando alguma coisa aqui de todos que por aqui passaram e vou começar pelo Sr. Homero Pereira.

O Sr. Homero Pereira falou sobre preconceito da sociedade, que a sociedade tem preconceito com a classe produtora.

Hoje eu discordo. No passado até concordava, Sr. Homero Pereira. Hoje eu discordo. Ela está alegre, feliz e satisfeita conosco. Não tem mais preconceito. Não acha que nós somos mais caloteiros, sabe que não somos maus pagadores e está de barriga cheia porque nós estamos produzindo.

Isso hoje eu tenho nítido na minha consciência por onde tenho andado de que a sociedade sabe claramente o que é o setor. Não precisa mais convencimento nenhum do que foi falado aqui, cantado em prosa e verso, de 20 anos para cá, que eu escuto e que milito no meio.

Outra coisa que foi falada, que o Sr. Homero Pereira falou, e eu acho que é um negócio muito importante no mercado, foi sobre a oferta e a procura. Não adianta começar a espernear com o preço, se nós estamos enchendo, enchendo e sabíamos disso. O setor sabe disso. É um setor bem informado. Mexe com Chicago, com o mundo. Está ligadinho ao mundo. Não está desinformado, não. Sabia o que poderia acontecer, e plantou-se mais. Todos estão ligados e sabendo.

O Dr. Homero falou em futuros agricultores e pecuaristas que lá fora não tem. Estou vindo dos Estados Unidos, agora, e está lá: FFA - Futuro Fazendeiros Americanos. Estava lá na exposição em *Houston* de uniforme, bem prontinho, bonitinho para todo mundo vê. Tiramos

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

fotografia deles. Estão lá trabalhando, sim, na pecuária e agricultura, fazendo ferramentas para a agricultura moderna de todos os inventos possíveis. Estive em *Houston* agora. Então, na frente lá em algumas coisas.

O filme. Esse filme também, Dr. Homero, e todos que estão aqui estamos acompanhando-o, e ele vem rolando esse filme.

Dr. Rogério Salles falou que às vezes não entra na pecuária, porque não tem liquidez. Eu não vou falar a minha idade. Vou falar parte da minha idade, cinqüenta anos, para não falar ela completa. Eu desde que sou menino, sou da pecuária. O negócio que mais tem liquidez no mundo é a pecuária. Ela pode não ter rentabilidade, mas liquidez é sagrado! Quem tem o boi, a vaca e o bezerro não fica a pé. Ele pode vender barato, mas ele vende e tem liquidez, sim. Pecuária, não é verdade que ela não tem liquidez. Ela tem!

Falou-se em organizar o setor.

Em Goiânia, no meu pronunciamento lá, porque o Ronaldo também falou isso, eu chamei atenção do Ronaldo. E vou chamar a nossa aqui.

Isso está parecendo filho de burro. Porque a égua quando emprenha de burro leva dez, onze meses para dar cria, mas quando emprenha do cavalo são nove meses. Eu estou ... Não estou careca, não, mas está começando cair o cabelo, e estou vendo falar que precisa organizar. Não é em crise que se tem de organizar, não! Tem de estar organizado constantemente, no dia-a-dia. Aqui, na hora em que chegamos, estava lotado; já não tem quase ninguém mais. Estão indo embora; atendem telefones, falam ao telefone; e não prestam atenção na conversa. Isso é geral! Em Campo Grande, eu falei isso. E é verdade! Quem falar para mim que não é, é! Jorginho estava ali ao telefone agora, dependurado: babababá, e não prestava atenção. O outro saiu para fora, ficando esse rolo... Não querem prestar atenção! Esse é o nosso mal e amanhã eu vou falar isso também lá. Já falei em Goiânia, já falei em Campo Grande, vou falar aqui, vou falar em Ji-Paraná e vou falar pelo Brasil afora.

Eu estou cansado disso, de que precisa organizar! Chega! O Jorginho falou que agora está lá na FAMATO, e está à disposição. Eu estive doze anos na FAMATO e Jorginho não aparecia lá. Agora quer aparecer! E vem aqui falar agora que com o Dr. Homero ele tem liberdade? Nunca teve comigo, porque não quis, Jorginho!

O SR. JORGE PIRES DE MIRANDA (FORA DO MICROFONE) - Eu não era Presidente de lá...

O SR. ZECA D'ÁVILA - Mas era produtor rural!

O SR. JORGE PIRES DE MIRANDA (FORA DO MICROFONE) - Calma lá! Nós estamos aqui para conversar...

O SR. ZECA D'ÁVILA - E eu estou conversando.

Então, essas coisas nós precisamos organizar. É organização! E organização nós precisamos ter! Esse é o ponto fundamental do começo ao fim! Não podemos mentir para nós mesmos! Eu vejo na pecuária: o neguinho vende boi por quarenta e oito reais, mas para o companheiro fala assim: “vendi por cinqüenta!”

É assim ou não é, Tião? Tem muito companheiro que faz isso. Na soja é igual, no algodão é igual. Não podemos fazer isso. É muito ruim para o setor. Acabamos com a entressafra do boi!

Outro dia, eu fui à Paraíba, nobre Deputado Humberto Bosaipo. Encontrei um senhor idoso lá, chamado Manoelito, um grande paraibano, um homem com uma cabeça, com um trabalho no setor rural... Coisa fantástica! Ele falou: “Zeca, nós estamos mudando a nossa vida!”. Eu perguntei: por que, Manoelito? Ele falou: “porque nós estamos americanizando!” Então, indaguei: por quê? Ele falou assim: “explique para mim o que é *coffe-break*” - eu não sei falar. E fomos

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

descobrir: significa parada para o café, vamos tomar café! Nós estamos falando “americano”! E aí ele falou assim para mim: “inventaram um negócio, Senador, o senhor sabe melhor do que eu. Como é que chama esse negócio que serve para bezerro comer separado? É *creep feed*? É cocho! É cocho! Não é nada mais do que cocho! Não é, Tião Curado? É cocho, pelo amor de Deus! Para quê ficar inventando isso de *creep feed*! Noventa e nove por cento dos brasileiros, e principalmente o produtor rural, não sabe falar! E fica nessa metidez, inventando isso.

Acabamos com a entressafra, porque os americanos falaram para nós: “façam confinamento!” E nós, bestas, fomos fazer. Acabou com a entressafra que era onde se ganhava dinheiro na pecuária. Acabamos com isso, entressafra! Enfiamos o dinheiro goela abaixo do boi, para depois tirar par atrás. Não tira! Boi não suporta isso. E aí vai.

Profissionalizar, o Rogério falou que nós precisamos profissionalizar. Quantos anos está falando isso? Quantos anos está falando isso? O Rogério falou: “Incompetência nossa.” Aí ele matou a pau. Aí eu vejo que a nossa competência, a nossa incompetência é da porteira para fora, eu já discordo: é da porteira para dentro.

Afinal, nós estamos produzindo demais da conta e mercado é oferta e procura, nobre Senador. Quanto mais você põe no mercado, mais baixo vai ficar! Eu nunca vi diferença no mundo inteiro, com algumas exceções onde se subsidia, que ganha muito dinheiro...

Vim dos Estados Unidos agora, a arroba de boi lá é cento e oitenta reais, Gilberto! Um bezerro lá é seiscentos dólares! Agora, nós vamos vender boi aqui, enfiar comida goela abaixo para vender a quarenta e oito a cinquenta, a arroba. Eu não agüento, não. Fora o subsídio que dão lá. Não agüentamos.

O Homero falou outra coisa aqui que eu concordo em parte, é pecado ter caminhonete? Não. Também acho que não. É uma ferramenta de trabalho. Mas só que ela hoje é uma ferramenta cara, de um consumo que vai na fazenda, ninguém anda mais a cavalo. É só na motoca, é só em cima do carro! E o custo está alto, porque o petróleo está alto.

E quem quiser fazer boi barato, Tião Curado, que é do seu tempo e do lado que você é desse jeito, tem que pôr hera em boi. Boi novo é só com comida, promotor de crescimento, hormônio, o diabo a quatorze, para fazer a carne dele. E carne boa nós temos, sim. Eu, desde que sou criança, nunca vi ninguém morrer de carne, ou falar que a carne brasileira é ruim. Nunca! Em lugar nenhum do mundo onde andei. Já andei pela Ásia, pelo Oriente, pela Europa, pelos Estados Unidos, nunca vi ninguém falar que a nossa carne é ruim. A carne é boa. Nós temos que começar a dar solução em casa. Somos competentes, pra caramba, para produzir, mas estamos sendo incompetentes no que produzir, quanto produzir para regular no mercado.

Eu estive na França, em Roquefort, onde fabrica o queijo roquefort de carneiro. Eles regulam o preço do queijo com oferta de procura. O preço quer baixar, eles tiram o queijo do mercado e o queijo sobe. Subiu muito porque controla o preço. Então, nós precisamos nos organizar para oferecer aquilo que pode na hora certa com regras que nós... O Homero falou de aumento de um milhão por mês, o Brasil está perto de duzentos milhões de cabeça, o maior rebanho comercial do mundo. O que nós precisamos? É faca no pescoço de vaca para diminuir a produção. Não é aumentar mais. Nós temos que faca, frigorífico, cartel! Está aí, eu quero ver provar se é cartel oferta e procura. Eu estou com medo de provarem que nós estamos fazendo cartel e não oferecer o boi, o boi está no pasto, voltar o tempo do Orestes Quércia, confiscar boi. Olha lá! Olha lá, este Brasil faz coisa, acontece coisa que é difícil de ver. Algodão faz o social. É um social imensurável. Eu fico preocupado com o tanto do social que o algodão faz tanto quanto o arroz, tanto quanto a pecuária, o setor não tem mais jeito de ser porque o Homero mostrou os números para nós de tanto que emprega. É fantástico. Arroz, pauta, sou contra a pauta. Preço de arroz, de qualquer produto, na

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

minha ótica, não é só o arroz, vendeu por dez, o preço é dez; vendeu por vinte, o preço é vinte. Para que vender por dez e cobrar quinze?

Esses tempos lá em Vila Rica, onde se produzia banana, conseguiram acabar com a banana, Deputado Humberto Bosaipo, que é sua região, Vossa Excelência sabe perfeitamente disso, por causa de pauta. Em Vila Rica, vendia a trinta, vinte e cinco centavos o quilo de banana e cobrava-se um real e cinquenta centavos. Como é que faz? Como é que agüenta um setor viver assim? Acaba, não tem jeito.

Então, pauta, eu sou contra genericamente, tudo não pode ter pauta, tem que ser o preço de venda. Agora, precisamos ser honestos, que isso mostra que os Governos desconfiam de nós...

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - O senhor está segurando a pauta. Mais três minutos.

O SR. ZECA D'ÁVILA - Rio nós temos, não falta rio, falta navegação. Agora, nós queremos correr atrás da estrada, atrás da ferrovia e da hidrovía. Três coisas caras, que nós não damos conta de correr tudo de uma vez só. Nós temos que decidir o que queremos, ferrovia, hidrovía ou estrada. Então, vamos por etapa. Estão aí as rodovias, um desastre que não tem jeito e nós já queremos mexer com a hidrovía, não dá conta.

Seca, eu acho que esse é um pecado que nós estamos pagando, que nós não temos condições de falar que ganha dinheiro com seca, porque perde, é horrível, tem que dar solução na recuperação da renda em função da seca. Sou plenamente a favor.

Gilberto, o futuro a nós pertence. Eu não tenho dúvida de que nós temos que saber o que queremos, queremos ser produtores de fato e de verdade sem intempéries, nós temos que saber o que queremos. Intempérie do tempo, não vamos discutir, que é coisa de Deus, e nós temos que aceitar, e rezar, e agradecer a Deus tudo que ele nos manda, mesmo que seja ruim. Ruim com ele, pior sem ele, no caso do produtor rural.

Mas quero aqui voltar e pegar para nós fazermos a nossa mea-culpa para a sociedade não nos ver diferentes. Eu subo nessa tribuna aqui e pego o MST, o capeta que vem encher o saco em revista, em jornal do Brasil, e eu meto o cacete nesse povo. Esses dias a Deputada Verinha Araújo abre a revista e fala assim para mim: "Aqui, moço, do Brasil para o mundo..." O homem tem cem pares de sapato! O homem mora em apartamento de cobertura! O que vocês estão chorando? Uma vaca do Senador é vendida por dois milhões! E aí o que eu falo? Que está na televisão! Lá em Paranavaí, um agricultor comprou uma Mitsubishi e está comprando outra, porque a safra foi gorda. Aí a sociedade se revolta contra nós.

Vejo o Iraí Maggi sentado num fardo de algodão, aí ela vem aqui e chega o pau em mim, e eu tenho que ficar quieto, tenho que sair agachado aqui, porque o pau come. Então, essas coisas nós precisamos começar a rever, porque isso é ficção. E essa ficção não pode ter, porque a sociedade vê de uma forma pejorativa. Aí eu concordo!

Então, eu espero que tenhamos a cabeça no lugar. Precisamos, sim, falar. Amanhã nós precisaremos falar, Sr. Jorge Pires, no criador...

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Deputado Zeca D'Ávila, eu acabei de receber o telefonema do Ministro da Agricultura parabenizando a Assembléia Legislativa por este encontro. Ele está falando, neste momento, com o Senador Jonas Pinheiro.

E comunico a Vossa Excelência que o seu tempo está esgotado.

O SR. ZECA D'ÁVILA - Vou encerrar dizendo que nós precisamos tomar cuidado porque o preço da arroba hoje, em dólar, é o histórico. E o pecuarista está comprando três bezerros do coitado do criador, e nós precisamos cuidar do criador. Muito obrigado, Sr. Presidente.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Eu gostaria de passar a palavra ao Sr. Sebastião Ewerton Curado Fleury Neto, Presidente da ASFAX-Associação dos Fazendeiros dos Vales do Araguaia e Xingu.

O SR. SEBASTIÃO EWERTON CURADO FLEURY NETO - Boa-tarde a todos! Autoridades que compõem a Mesa, Senhoras e Senhores.

Diante de tudo o que foi exposto aqui hoje, a minha grande conclusão, que, aliás, é uma convicção que trago, é de que nos faltam políticas públicas. Políticas públicas feitas por quem tem visão global dos problemas, com a participação nossa, dos produtores, dos nossos representantes da classe política e que sejam duradouras.

Então, nesse sentido, eu gostaria de citar como exemplo - e peço licença para isso - um fato ocorrido no Município de Água Boa, no ano de 2004, no ano passado. Em fevereiro de 2004, o Presidente do Sindicato Rural de Água Boa, Dr. Tarcísio, ofereceu denúncia na Promotoria Pública da Comarca de Água Boa de formação de cartel de frigorífico no Vale do Araguaia. Era sabido, público e notório, que três frigoríficos, dois de Barra do Garças e um de Canarana, alugaram a planta de Água Boa e deixaram a planta de Água Boa fechada, visando evidentemente, com isso, diminuir a concorrência. Ora, um frigorífico que mata seiscentos bois por dia, que emprega cerca de quatrocentas pessoas, dá quatrocentos empregos diretos, talvez o dobro desse número de empregos de forma indireta, representa para uma cidade do interior o mesmo que se nós jogarmos um sorrisal num copo de água, vira efervescência, é igual leite na fervura.

O município todo ganha com isso? O município e a região inteirinha ganha com isso. Nós não podemos admitir o fato de um frigorífico, no interior ou na Capital, ficar fechado. O que é isso? O Presidente do Sindicato ofereceu a denúncia dizendo que há quase três anos o frigorífico permanecia fechado, uma planta por sinal magnífica, uma planta belíssima, moderna, que, com pouco investimento, com pouca mexida, ela estaria exportando para os mercados mais exigentes do mundo. Então, é verdadeiramente um pecado. Esse fato está acontecendo e eu digo para vocês com bastante felicidade que, a partir do mês passado, agora deste ano, o frigorífico de Água Boa voltou a funcionar.

Eu tenho certeza de que a atitude do Presidente do Sindicato Rural, amparada pela classe produtora local, ajudou sobremaneira para que o frigorífico voltasse a funcionar.

E quero acreditar que a atuação do poder público tenha também ajudado para que isso acontecesse. Não sei se isso se verifica.

O fato é o quê? O fato mais relevante nisso tudo... Cabe ao poder público detectar a formação de cartéis e dismantelar esses cartéis. Eu acho que são políticas públicas, exatamente, que vão detectar os nós que acontecem no nosso setor e desatá-los.

No caso específico da pecuária, que é a Associação que eu represento, quase que composta de sua maioria esmagadora de pecuaristas, eu gostaria de ratificar aqui o que o ilustre Sr. Jorge Pires falou na sua exposição: O rebanho brasileiro aumentou sobremaneira. Agora, mais que proporcional a esse aumento foi o aumento da eficiência do pecuarista brasileiro. E o caso de Mato Grosso? Esses problemas todos são potencializados, porque nós temos um imenso rebanho de excelente qualidade, temos fatores climáticos extremamente propícios para o desempenho da atividade e o nosso pecuarista é extremamente eficiente.

Então, o problema no Mato Grosso está potencializado por quê? Porque o número de plantas frigoríficas em nosso Estado é muito baixo. Eu acredito que políticas públicas estimulando a vinda de novos frigoríficos, a abertura de novos, a construção, seja de qualquer maneira, através de formação de cooperativa de pecuaristas, ou estimulando a vinda de outros grupos para que a concorrência seja estimulada, isso é que vai resolver, ou ajudar a resolver, o nosso problema.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Eu até aplaudo e gostaria de citar a idéia que o Sr. Jorge Pires deixou aqui, que acho brilhante. Tenho certeza de que a concorrência iria aumentar, visto que os frigoríficos de outros Estados viriam buscar o boi aqui. O nosso mercado iria reagir de maneira positiva, iria ficar muito mais dinâmico e iria acabar com esse quadro incrível de frigorífico com 30 dias de escala.

É até uma temeridade qualquer um de nós fazermos um negócio para ser resolvido daqui a 30 dias sem preço hoje. Tem frigorífico no Estado de Mato Grosso que põe o boi do pecuarista na escala sem fazer preço, deixa para discutir preço na semana anterior ao embarque. Essa é uma situação lamentável, no mínimo.

Então, acho que a idéia do Sr. Jorge Pires é inteligentíssima e acho, inclusive, que a arrecadação do Estado iria aumentar.

Mas para que isso se efetive, precisa política pública, o poder público atuando e desempenhando o seu papel.

Para finalizar, senhores, eu gostaria de parabenizar a Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso, na pessoa do Deputado Humberto Bosaipo, que foi quem requereu esta audiência pública, por entender que a efetiva resolução dos nossos problemas sempre vai passar dentro desta Casa.

Se participarem das discussões os nossos representantes políticos, nós vamos conseguir caminhar ao encontro da resolução dos nossos problemas.

Entendo que a nossa classe discute todas as nossas questões e dentro do nosso meio, nas nossas associações, dos nossos sindicatos, nas nossas rodas, os nossos problemas são todos discutidos até a exaustão. Porém, a resolução, a efetiva resolução desses problemas começa dentro desta Casa junto com os nossos representantes e termina no Congresso Nacional. Muito obrigado a todos (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Vamos passar para o Sebastião essa matéria aqui. Gostaria de passá-la: “Frigorífico menor, cresce mais na exportação”.

O Gilberto quer fazer uma intervenção rápida, antes de ouvir o Argino, do Sindicato Rural de Sorriso.

Quero avisar que estou recebendo muito telefonema, muito aviso de que muitos universitários estão acompanhando a audiência pública pela TV Assembléia. Essa TV atinge, hoje, uma faixa de vinte mil pessoas em Cuiabá e Várzea Grande.

O SR. GILBERTO GOELLNER - Deputado Humberto Bosaipo, gostaria de solicitar a possibilidade de ser efetuada uma audiência pública durante a AGRISHOW.

Aquilo que eu falei que é um ponto de convergência dos produtores, mesmo nesse clima de insatisfação, de indefinição quanto aos rumos, é o momento de estarmos lá mais uma vez evoluindo e aproveitando que o Governo do Estado vai estar presente, vai se locomover para lá. Nada melhor do que levarmos todos os Deputados e efetuarmos lá, convidando todos, a continuidade desta audiência pública. Seria muito interessante.

Gostaria também de agradecer a presença do Vereador Mohamed, que está representando o Presidente da Câmara de Rondonópolis, que está representando o Prefeito Adilton Sachetti, que não se fez presente devido a sua agenda. Ele está recebendo um pessoal de fora, já confirmado anteriormente, então, não pôde se fazer presente. Também vejo que os demais Prefeitos aqui gostariam de se pronunciar para colocar a posição de cada município: a seca que tem, as dificuldades que vão passar esses produtores locais, dando uma abrangência e mostrando a realidade do que acontece no seu município.

Temos aqui vários municípios cujos Prefeitos também são agricultores e que tiveram prejuízos muito grandes, e estão tendo prejuízos com a seca.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Mesmo o Prefeito Adilton Sachetti, agora com uma nova tarefa de governar o Município de Rondonópolis, nessa região de Itiquira, se mostra muito satisfeito. Ele acha que não vai cobrir nem trinta por cento do custo de produção da lavoura dele. Efeito da seca! Então, chove aqui; não chove ali! Então, não é uma chuva parelha.

Nós temos o Prefeito de Guiratinga, o Sr. Hélio Goulart, que também é produtor de soja. Acho que o Prefeito de Alto Garças, Cezalpino Júnior; todos os Prefeitos aqui; o Prefeito de Jaciara, Max Russi... Este deixou aqui uma carta enviada pelo Sindicato Rural de Jaciara, dirigida à Prefeitura, mostrando as consequências dessa seca em sua região. Então, não sei se é possível ainda, dar a palavra livre para os Prefeitos poderem contar como está a situação em cada município.

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Muito obrigado.

É a segunda decisão, então, dessa audiência pública. A primeira foi transmitir do Parque de Exposição, da ACRIMAT, juntamente com o Canal do Boi, aquela movimentação de amanhã. E a segunda - eu vou propor já a audiência pública, inclusive -, foi convidar o Governador Blairo Maggi para ser um dos palestrantes na AGRISHOW de Rondonópolis.

Leio aqui a carta: “O Sindicato Rural de Jaciara coloca ao Sr. Prefeito o conhecimento da atual situação vivida pela agricultura do nosso município, que passa por uma fase de dificuldades inerente aos altos custos de produção e atualmente experimentando a dura realidade de uma estiagem prolongada que trouxe grandes prejuízos na produção inicialmente esperada.

A região do Prata, como é conhecida, foi a mais prejudicada, atingindo o índice de 40% de perda em sua produtividade. Em levantamento realizado, obtivemos um índice de 80% das propriedades com problemas devido à estiagem.

Esses fatos anteriormente citados trarão dificuldade na liquidez dos produtores rurais.

Ficamos à disposição para maiores informações.

Atenciosamente,

Marcos Herrera de Moraes

Presidente do Sindicato de Jaciara”.

Com a palavra, o Sr. Argino Bedim, do Sindicato Rural de Sorriso.

O SR. ARGINO BEDIM - Em primeiro lugar eu quero agradecer a Deus por dar esta oportunidade do setor produtivo de todo o Estado, pecuária e agricultura, discutir com a classe política do Estado de Mato Grosso as dificuldades que todos os setores vêm enfrentando no Estado.

Em segundo lugar, Deputado Humberto Bosaipo, eu quero parabenizar o senhor por esta iniciativa.

Em nome do Homero, que é Presidente da FAMATO, e do Rogério Salles, quero cumprimentar todos os políticos, os agricultores, os representantes de todas as classes produtivas do Estado, imprensa e demais pessoas presentes.

Eu quero ser bem breve, quero parabenizar todos os que me antecederam, que colocaram com muita propriedade todos os problemas vividos por eles em cada região deste Estado.

Nós, graças a Deus, estamos no município que é o maior produtor de grão do Estado de Mato Grosso: Sorriso. Estou aqui representando o Sindicato Rural, o Prefeito e o vice-Prefeito que não puderam se fazer presentes, por motivo de muito trabalho e luta. Veio o Secretário de Agricultura do Município. Está presente, representando-os aqui nesta audiência pública.

Nós, em Sorriso, temos um problema também um pouco diferente de Rondonópolis, Primavera do Leste, na logística de transporte. Graças ao Governador do Estado, em parceria com recursos do FETHAB e em parceria com agricultores, nós estamos tendo logística de transporte dentro do Estado. Isso nós temos!

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Agora, para escoar a nossa produção, estamos no lugar mais distante para se trazer os insumos agrícolas e para transportar nossa produção até o porto. Então, só a diferença desse transporte, direta ou indiretamente, nos tira dois dólares por saca de soja produzida na nossa região. Nós temos estudos que comprovam isso.

Então, o senhor imagine na situação que a agricultura vem passando hoje. Dois dólares por saca seriam, praticamente, a sobrevivência da agricultura na nossa região.

Temos também um caso, um pouco diferente dos municípios do sul do Estado, da seca. Nós também temos problemas de ferrugem igual tem o resto do Estado. Tem o problema da mosca branca que não foi citado aqui também, eu acho que todos os produtores rurais têm conhecimento dessa praga, e que não é mole, é uma praga que causa muito dano e é difícil de ser combatida. Então, eu acho que tem que tomar umas ações em conjunto dentro do Estado todo porque ela é uma praga migratória, ela não é igual à ferrugem, ela migra muito facilmente de um local para o outro.

E a logística de transporte, eu que vim para Sorriso no ano de 1979, sempre sonhando com a abertura da BR-163, que eu acho de mais fácil solução para o agronegócio da nossa região. Então, em conjunto com as associações e com a classe política do Estado de Mato Grosso e do Estado do Pará, eu acho que teria que ser tomadas umas ações em conjunto para resolvermos definitivamente essa polêmica da abertura da BR-163, que seria com certeza a redenção do centro do Estado de Mato Grosso, norte de Mato Grosso e do Pará e por que não do resto do Estado de Mato Grosso também. Muito obrigado.

Parabéns por promover esse evento (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPPO) - Está inscrito o Sr. José Nardes, Presidente do Sindicato Rural de Primavera do Leste. Ele teve que sair. Vamos ouvir o Sr. Aréssio Paquer.

O SR. ARÉSSIO PAQUER - Muito obrigado, Deputado. Parabéns pelo evento.

Caros colegas, eu ia fazer uma referência não brincalhona, mas usar o jornal da FAMATO. Vão dizer que esse jornal é nosso, e eu acho que é nosso mesmo. Primeiro, seria interessante que colocássemos nos jornais ou aqueles recados no banheiro que vemos todos os dias, ou na nossa porta e eu acho importante conscientizarmos disso. O mundo não consegue exportar soja para nenhum outro planeta, não tem mais condições, não tem ainda, os foguetes não estão levando. Se o mundo está abarrotado de soja, o ano que vem pode ser pior, eu não sou pessimista, eu quero que sigamos uma linha de raciocínio muito simples, mas real. Nós estamos com excesso hoje. Nós estávamos falando do Sul. Esses dias, era o sul gaúcho, agora nós estamos falando do sul Itiquira. Estamos falando do norte, chuva. Quer dizer, o evento, acho que *el nino*, dessa vez acontece assim, mas ele tem tudo para acontecer no ano que vem inverso. Nós ainda estamos levando uma vantagem, que nessa condição estamos num ponto médio, mas acho que nós estamos brincando com a questão de mercado. Questão de mercado, acho que nós podemos buscar soluções, como já buscamos em outras épocas com apoio do Governo. Desde os idos do Delfim Neto que se falava plante pouco que o gordo é louco. Quer dizer, em alguns momentos os Governos ajudaram em um momento e prejudicaram muito mais depois. Muito mais depois. Eu ousou aqui dizer aos pecuaristas das suas dificuldades e que me perdoem... Eu, pecuarista também sou, criador de suínos e umas três galinhas lá. Mas eu não sei como criar gado. É uma coisa para mim muito difícil.

Mas eu acho muito mais fácil resolver o problema da pecuária, porque o problema da pecuária tem uma dose da questão da organização do mercado. Da porteira até no frigorífico, até no mercado é questão do frigorífico. A questão do frigorífico eu sei que é muito difícil convencer o pecuarista, que uma cooperativa... Se vocês formassem uma cooperativa para formar preço, para demonstrar o que vale um boi, daria uma revolução. Porque eu sinto, fico magoado o quanto vocês

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

estão sendo roubados nesse processo e desrespeitado pelo processo dos frigoríficos. Mas não quero passar aqui a questão de agricultor para pecuarista, eu acho que falta muito de conscientização nossa mesmo.

A questão da agricultura de modo geral nesse momento, eu acho que nós estamos muito fixo para resolver essa questão agora. Se não saiu nessa medida a prorrogação, Deputado, e não tiver dinheiro para pagar, eles vão ter que nos procurar, nem que seja por cartório, para renegociar. Já foi outras vezes assim, quem sabe até voltemos a ser até um pouco caloteiros. Mas saia a renegociação. O Banco tem interesse de renegociar para receber. Essas empresas, esses dias eu vi uma pessoa vendedora falando que esse ano as empresas vão carregar muito credor. Tudo bem. Grandes coisas. Quem sabe seja a solução. Então, a questão é de excesso de produção. A questão é que não podemos negar que todos nós somos uns loucos na verdade, ainda bem que esses dias eu vi que a loucura faz parte do talento. E esse povo que está em Mato Grosso tem muito talento para produzir, tanto que está desequilibrando a questão de mercado. Essa é uma realidade. Agora, não podemos nos esquecer de uma questão: não podemos exportar para outros rumos, principalmente a soja, porque não temos o cacife dos americanos, que, produzindo ou não produzindo, quando eles não têm para quem vender, fazem projetos sociais no mundo e financiam. É capaz, inclusive, de eles financiarem a África, com uma aliança para o progresso, e desovar toda soja que possivelmente sobre. Mas nós não temos cabeça, o Governo brasileiro não tem cabeça para fazer isso. Nós não temos competência para fazer isso. Nós não temos consciência para fazer isso. Então, eu acho que nós temos que procurar aqui, dentro de Mato Grosso, Deputado.

Eu queria me centrar muito na sua pessoa agora, porque eu acho que nós estamos atravessando um momento histórico. Ou descamba tudo, ou buscamos uma solução. Se nós plantarmos ano que vem, isso que não se produziu, e se os gaúchos produzirem igual, se a turma do sul produzir igual e se os americanos resolverem nos desbancar da soja? Porque é um jogo. Eles têm garantido nove dólares por saca. Nós não temos nada. E se no ano que vem se repetir essa dose e esse povo nos desbancar? Será uma quebradeira nacional. Então, eu acho que nós temos que trabalhar com aquilo que nós temos. E nós temos muita coisa.

Ontem, foi dito aqui, em um outro momento; hoje, foi dito aqui, em um outro momento, e o representante do Banco do Brasil confirmou, que está sendo jogado FCO para prorrogação de dívida, de custeio, qualquer coisa assim, ou está sendo usado o FCO.

Então, eu acho que nós temos instrumentos, Deputados, que têm entraves. Mas eu acho que está na hora de nós pensarmos em diversificar nossa produção e, principalmente, verticalizar nossos recursos. Nós estamos fazendo muita coisa barata. Está na hora de nos conscientizarmos e fazermos coisas mais valorosas dentro de Mato Grosso e não só encher caminhões, arrebentar estradas, portos, tudo e encher outros países de indústrias. Eu acho que está sobrando dinheiro do FCO. É preciso parar de financiar soja. Tem que começar a financiar transformação de soja, sistemas integrados de criação. Nós temos grandes facilidades de fazer criação, então, vamos fazer criação organizada. Nós somos uma pequena cooperativa de nada, criando suínos, e quando nem imaginamos já poderíamos exportar. Aí cortaram a nossa exportação à Rússia. E tem outro país vizinho que está comprando tudo, tipo Paraguai, que leva tudo. Grandes coisas. O produto é bom.

Então, eu acho que nós temos que começar a transformar isto aqui dentro para parar essa sanha de abrir, abrir, abrir e aumentar a produção, porque quem está desequilibrando somos nós. Outras áreas do mundo não têm a possibilidade de fazer o estrago que nós estamos fazendo. E acho que agora é o grande momento, com a organização da associação, de fazermos alguma coisa para que nós mesmos possamos diminuir.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Outra coisa, Deputado Humberto Bosaipo, uma época o Brasil não conseguia produzir petróleo, e hoje nós sabemos que ele só não produz mais por questões estratégicas de cem anos. Eu acho que tem um trabalho estratégico de cem anos.

Mas no Brasil tem mais fósforo do que imaginamos. Tem mais potássio, nós sabemos que tem uma pequena mineração... Eu acho que nós temos que direcionar.

De repente, se nós pegássemos todo dinheiro do FCO e mais um pouco e achasse aqui dentro uma fonte de fósforo e que entrasse Governo, produtores, todo mundo, para nós dependermos menos desses cartéis internacionais, por que, o que nos ferrou a todos? A questão dos adubos, dos fertilizantes, não é só fósforo, é tudo, mas nós tínhamos que começar a fazer coisas para daqui a quinze anos, a maioria já sem cabelo, e esses jovens falando: “Puxa vida, eu vi meu tio, meu irmão, meu pai falando esse negócio e nós estamos continuando a mesma coisa”.

Então, para encerrar, Deputado Humberto Bosaipo, eu proporia que a própria Assembléia Legislativa convocasse o Governo do Estado - eu estou fazendo isso como produtor e também como representante do Governo - não é que ninguém está pensando isso, é que tem que unir forças, que fizesse um estudo altamente qualificado, quem sabe chamar a Fundação Getúlio Vargas, não a Fundação, alguns grandes técnicos disso aí e começasse pegar esses gargalhos e ver como é que vamos resolver. Esse é o rumo. Precisa disso?

Mato Grosso não está resolvendo a saída de uma estrada que nunca saiu? Está difícil sair, mas eu acho que vai sair essa 163. É mais difícil do que fazer muitas outras coisas. Se precisar fazer uma indústria aqui para produzir alguns milhares de toneladas, alguns milhões de toneladas de adubo...

Então, eu acho que nós tínhamos que pegar os gargalhos e trabalhar em cima deles. Nós temos competência também de fazer estrago em outras áreas. E acho que nós temos que procurar industrializar pelos pecuaristas a pecuária, procurar verticalizar a agricultura, integrar a agricultura com pecuária aqui dentro. Tanto que nós temos condições que, vergonhosamente, está sobrando dinheiro na nossa mão e não estamos conseguindo aplicar. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (HUMBERTO BOSAIPO) - Eu acho que nós completamos o quadro de palestrantes.

Eu quero agradecer as autoridades, ao ex-Governador Rogério Salles; ao meu colega e amigo Lairto Sperandio, Prefeito de Alto Taquari; ao ex-Deputado Homero Pereira, grande amigo da Assembléia Legislativa e nosso; ao Sr. Mohamed, Presidente da Câmara Municipal de Rondonópolis - está na hora de já vir para cá.

Em nome do Gilberto Goellner, dos prefeitos que ainda estão aqui, do Júnior, dos produtores e dos líderes classistas, encerramos este primeiro debate, essa primeira audiência pública.

Vamos fazer uma segunda audiência pública na AGRISHOW, há requerimento do Senador Gilberto Goellner e, quem sabe, começarmos a discutir isso com a FAMATO...

Já estou convidando o Sr. Homero Pereira, uma vez que duas turmas de faculdade querem ouvir a palestra que ele fez, já me ligaram aqui.

Acho que nós temos que difundir mais, e o Presidente da APA colocou isso aqui claramente.

A Assembléia Legislativa é um instrumento para que vocês possam avançar. É preciso tirar alguns paradigmas em relação aos produtores, aos pecuaristas, que existe entre a população.

É preciso que a classe política, principalmente nós Deputados, conheçamos essas dificuldades inerentes ao setor produtivo e possamos ajudá-la.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR A SITUAÇÃO DA AGROPECUÁRIA EM
MATO GROSSO, REALIZADA NO DIA 17 DE MARÇO DE 2005, ÀS 14:30 HORAS.

Peço escusas ao Presidente da ACRIMAT, Jorge Pires, pela ênfase do nosso colega Zeca D'Ávila, é o estilo dele, um estilo diferenciado, mas eu tenho certeza de que o senhor não sairá daqui ofendido.

Agradecemos também a sua presença e dos demais participantes. Muito obrigado.
Declaro encerrada a presente Audiência Pública.

Equipe Técnica:

- Taquigrafia:
 - Tânia Maria Pita Rocha;
 - Aedil Lima Gonçalves;
 - Cristina Maria Costa e Silva;
 - Donata Maria da Silva Moreira;
 - Isabel Luíza Lopes;
 - Regina Célia Garcia;
 - Rosa Antônia de Almeida Maciel Lehr;
 - Rosivânia Ribeiro de França;
- Revisão:
 - Laura Yumi Miyakawa;
 - Nilzalina Couto Marques;
 - Ila de Castilho Varjão.